

Produção e consumo de petróleo, gás natural e derivados, no período de 2003 a 2012

As atividades de exploração e produção de petróleo e gás começaram no Brasil na década de 1950, com a criação da empresa Petróleo Brasileiro S/A (Petrobras), sendo a única empresa autorizada a realizar essas atividades por várias décadas.

As empresas estrangeiras podiam atuar desde que em parceria com a estatal brasileira.

Em 1995, a Emenda Constitucional nº 9 introduziu a possibilidade da União contratar outras empresas estatais ou privadas para a exploração e produção de petróleo e gás natural.

A Lei nº 9.478 (Lei do Petróleo), de 6 de agosto de 1997, regulamentou o setor e criou o Conselho Nacional de Política Energética (CNPE) e a Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Bicomustíveis (ANP).

O CNPE, presidido pelo Ministro de Estado de Minas e Energia, é o órgão de assessoramento do Presidente da República para formulação de políticas e diretrizes de energia.

A ANP é uma autarquia especial vinculada ao Ministério de Minas e Energia e tem como atribuições promover a regulação, a contratação e a fiscalização das atividades econômicas integrantes da indústria do petróleo, do gás natural e dos biocombustíveis.

A Lei nº 9.478 limitou o exercício do monopólio estatal, obrigando a União a assinar contratos de concessão para que se possa explorar e produzir petróleo ou gás natural no Brasil.

A Lei nº 12.304, de 2/8/2010, criou a Pré-Sal Petróleo S/A (PPSA) que representará a União nos consórcios de exploração e produção no pré-sal.

Em 22/12/2010, a Lei nº 12.351 estabeleceu um regime regulador misto para a produção de petróleo e gás natural em

regime de partilha para as áreas do pré-sal.

Segundo a ANP, a produção de petróleo e gás natural mais que duplicou no país entre 1997 e 2008. Este aumento da produção demandou fortes investimentos em exploração, desenvolvimento e manutenção da produção, que tendem a gerar impactos positivos ao longo da cadeia de suprimentos, especialmente no contexto de ativação de novos campos, como os previstos para a camada pré-sal das bacias localizadas no mar (offshore).

Segundo o Boletim da Produção de Petróleo e Gás Natural, de 2012, da ANP, foram produzidos no país cerca de 754 milhões de barris de petróleo e 26 bilhões de metros cúbicos de gás natural, com média de produção de 2.067 mil barris/dia e 71,7 milhões de m³/dia, respectivamente.

O campo de Marlim Sul, na bacia de Campos (RJ), foi o maior produtor de petróleo e o segundo maior de gás natural, com uma produção média de 346,3 mil barris de óleo equivalente/dia.

O campo de Manati, na bacia de Camamu (BA), foi o maior produtor de gás natural com produção média de 6,3 milhões de m³/dia.

91,2% da produção de petróleo e 77,0% da produção de gás natural do Brasil foram extraídos de campos marítimos.

94,1% da produção de petróleo e gás natural são provenientes de campos operados pela Petrobras.

Dos 20 maiores campos produtores de petróleo e gás natural, dois são operados por empresas com capital majoritário estrangeiro: Peregrino/Statoil (10º) e Ostra/Shell (18º).

Por sua vez, o Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Combustíveis e de Lubrificantes (Sindicom), fundado em 1941, representa as principais companhias distribuidoras de combustíveis e de lubrificantes. Suas associadas representam mais de 80% do volume de distribuição de combustíveis e lubrificantes no Brasil.

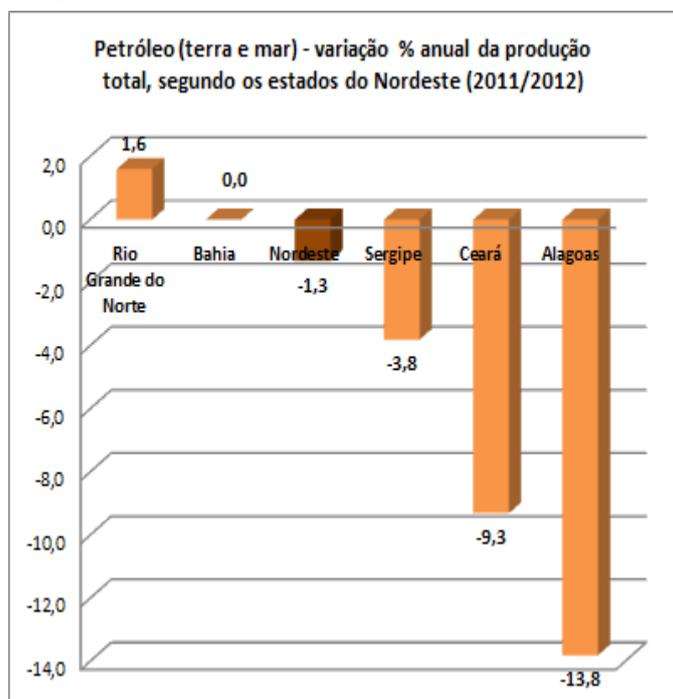
1. Produção

1.1 Região Nordeste

1.1.1 Petróleo (terra e mar)

De acordo com a ANP, em 2012, o Nordeste produziu cerca de 9 milhões de metros cúbicos de petróleo, representando uma queda de 1,3% em relação a 2011.

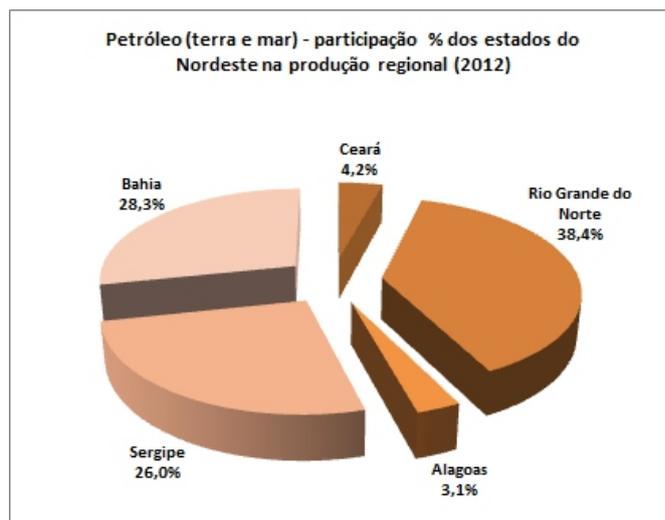
Os estados que contribuíram para o desempenho regional foram: Rio Grande do Norte, com 1,6%, e Bahia, que repetiu a produção de 2011. Abaixo, posicionaram-se Sergipe, com -3,8%; Ceará, com -9,3%; e Alagoas, com -13,8%.



Fonte: Sindicom; ANP

A região ocupa a segunda posição e é responsável por 7,5% da produção nacional do mineral.

O grande produtor regional é o Rio Grande do Norte que responde sozinho por mais de 1/3 da produção nordestina de óleo bruto. Se à participação do estado forem agregadas as participações de Sergipe e Bahia a concentração sobe para mais de 90%.

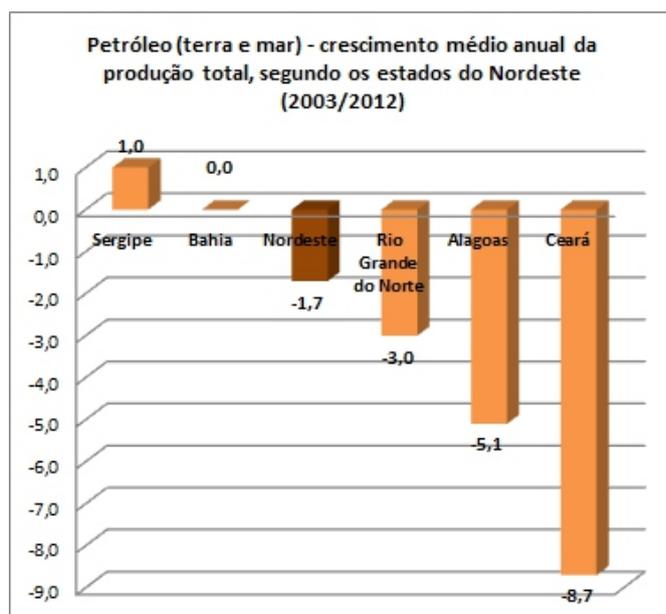


Fonte: Sindicom; ANP

No período de 2003 a 2012, o crescimento médio anual da produção regional de petróleo foi de -1,7%, abaixo da média nacional, de 3,7%.

Na década, dos cinco estados produtores, dois cresceram acima da média regional: Sergipe, com 1,0%, e Bahia, com volumes semelhantes produzidos a cada ano.

Os demais apresentaram tendência de queda: Rio Grande do Norte, com -3,0%; Alagoas, com -8,7%; e Ceará, com -8,7%.



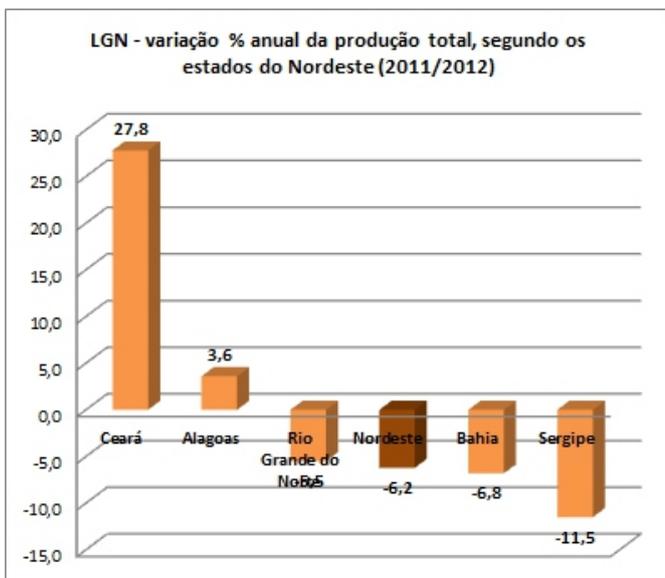
Fonte: Sindicom; ANP

1.1.2 Produção de Líquido de Gás Natural (LGN)¹

Em 2012, a produção nordestina de LGN, foi de 742.201 m³, ou 6,2% menos que em 2011. O pior desempenho do país.

Apesar de elevados, os crescimentos do Ceará (27,8%) e Alagoas (3,6%), não ajudaram a melhorar a performance da região em virtude da sua pouca importância relativa na produção do combustível.

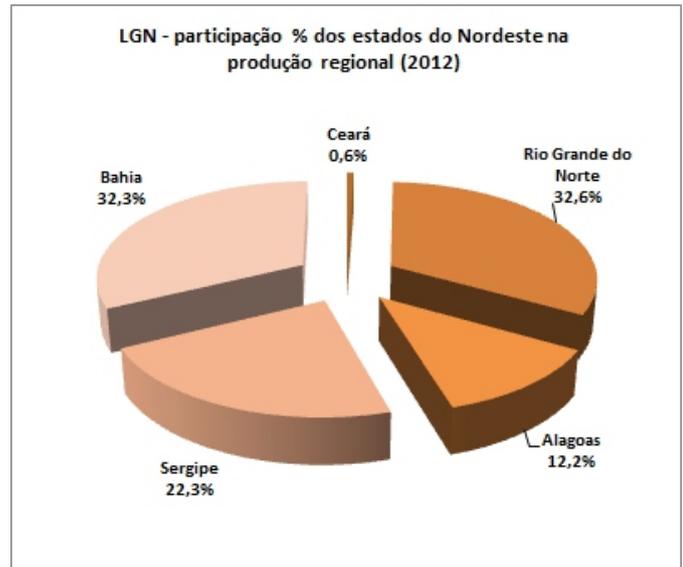
O Rio Grande do Norte, com -5,5%; Bahia, com -6,8% e Sergipe, com -11,5%, os grandes produtores, levaram a região à performance negativa.



Fonte: Sindicom; ANP

O Nordeste ocupa a terceira posição, respondendo por 15% da produção nacional do combustível.

Em relação a este combustível, três estados, Rio Grande do Norte, Sergipe e Bahia respondem por mais de 80% da produção regional. O Rio Grande do Norte responde sozinho por cerca de 1/3.

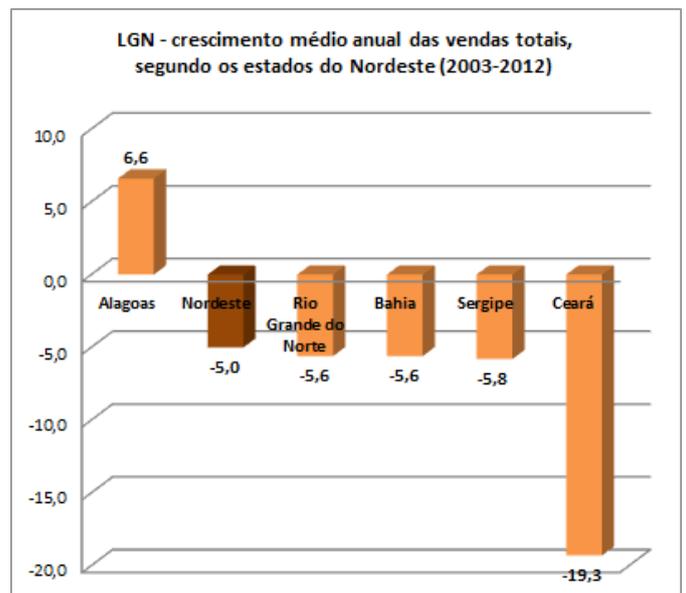


Fonte: Sindicom; ANP

No período de 2003 a 2012, a região também teve o pior desempenho médio anual do país na produção de LGN: -5,0%.

A média regional foi reflexo do comportamento dos crescimentos médios anuais dos quatro principais estados produtores nordestinos: Ceará, com -19,3%; Sergipe, com -5,8%; Bahia, com -5,6%; e Rio Grande do Norte, com -5,6%.

Alagoas, com 6,6%, foi o único estado a apresentar média anual positiva.



Fonte: Sindicom; ANP

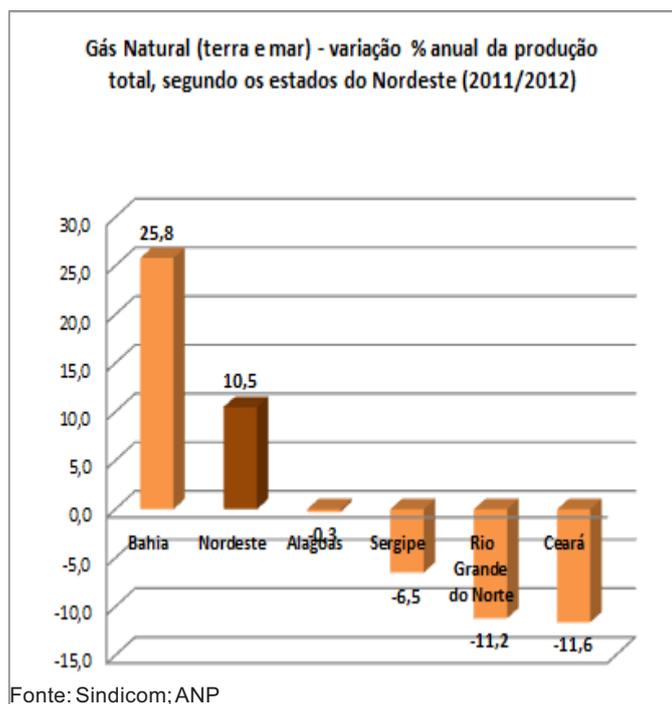
¹ Pela Portaria ANP n° 9, de 21/1/2000, Líquido de Gás Natural é a parte do gás natural que se encontra na fase líquida em determinada condição de pressão e temperatura na superfície, obtida nos processos de separação de campo, em UPGNs ou em operações de transferência em gasodutos.

1.1.3 Gás Natural (terra e mar)²

Com o acréscimo de 511.622 m³ à produção de 2011, o Nordeste produziu em 2012, quase 5,4 milhões de metros cúbicos do combustível, o que atribuiu à região o melhor desempenho do país: 10,5%, 3,2 pontos percentuais acima da média nacional de 7,3%.

A região, segunda produtora nacional, responde por 1/5 da produção do país e o seu comportamento no ano passado foi induzido pelo crescimento da Bahia (25,8%), ainda que esse desempenho tenha representado a recomposição de parte da perda de 2011 (-24,8%). O estado responde por cerca de 60% da produção nordestina.

Os restantes quatro estados produtores apresentaram queda: Alagoas, -0,3%; Sergipe, -6,5%; Rio Grande do Norte, -11,2%; e Ceará, -11,6%.

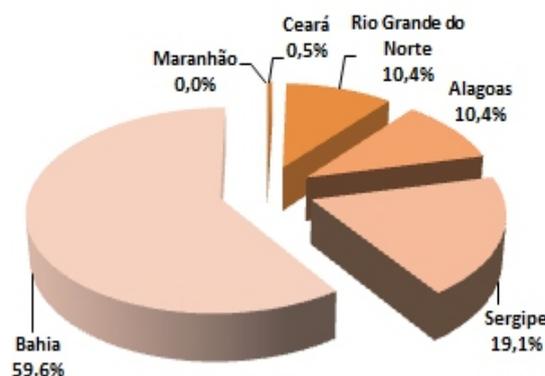


Bahia e Sergipe em conjunto produzem cerca de 80% do gás natural nordestino, ficando os outros 20% entre Ceará, Rio Grande do Norte e Alagoas.

O Maranhão produziu 381 m³ em 2012.

² Segundo a Lei nº 9.478, de 6/8/1997, gás natural é um hidrocarboneto que permanece em estado gasoso nas condições atmosféricas normais, extraído diretamente a partir de reservatórios petrolíferos ou gasíferos, incluindo gases úmidos, secos, residuais e gases raros.

Gás Natural (terra e mar) - participação % dos estados do Nordeste na produção regional (2012)

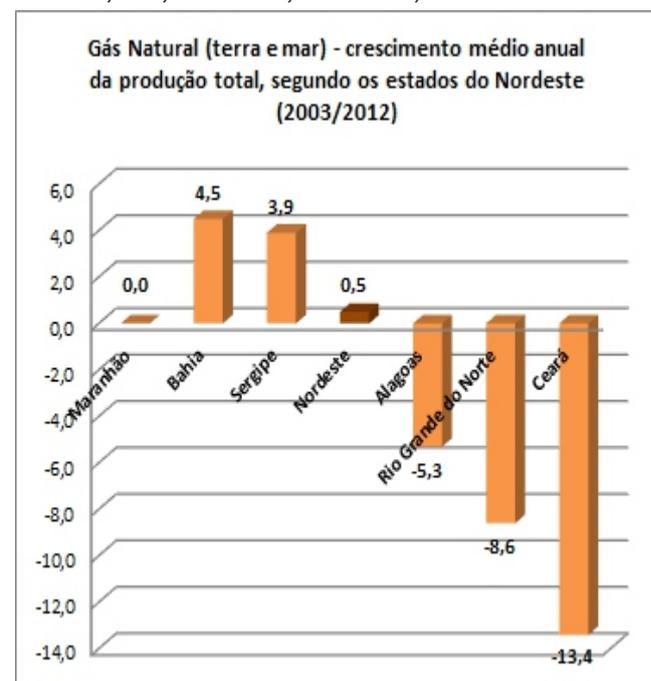


Fonte: Sindicom; ANP

Inversamente, no período de 2003 a 2012, o crescimento médio anual regional da produção de gás natural, de 0,5%, configurou-se como o menor entre as regiões produtoras e muito abaixo da média nacional de 5,6%.

Na década, a performance nordestina foi impulsionada pela Bahia, cuja produção cresceu em média anual de 4,5%, e por Sergipe, em 3,9%.

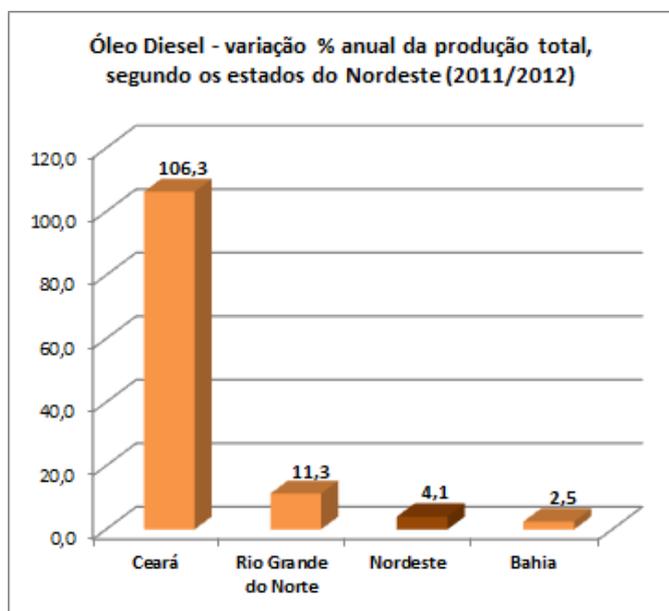
Com a média anual em declínio ficaram: Alagoas, com -5,3%; Rio Grande do Norte, com -8,6%; e Ceará, com -13,4%.



1.1.4 Óleo Diesel

Assim como com o gás natural, o Nordeste produziu em 2012, cerca de cinco e meio milhões de metros cúbicos de óleo diesel, um crescimento de 4,1% em relação a 2011.

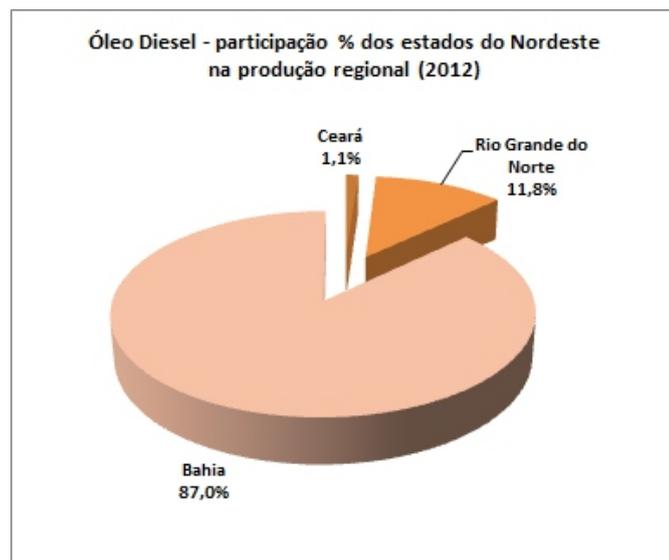
O desempenho nordestino foi impulsionado pelo crescimento do Ceará, com 106,3% e do Rio Grande do Norte, com 11,3%. Abaixo situou-se a Bahia, com 2,5%.



Fonte: Sindicom; ANP

A taxa de 4,1% atribuiu à região o terceiro melhor crescimento, atrás do Sudeste, com 10,7%; e do próprio país, com 7,0%.

Com uma produção de quase 5,5 milhões de metros cúbicos de óleo diesel, o Nordeste responde por 12,0% da produção nacional do combustível, ocupando a terceira posição. A Bahia responde por cerca de 90% da produção nordestina.

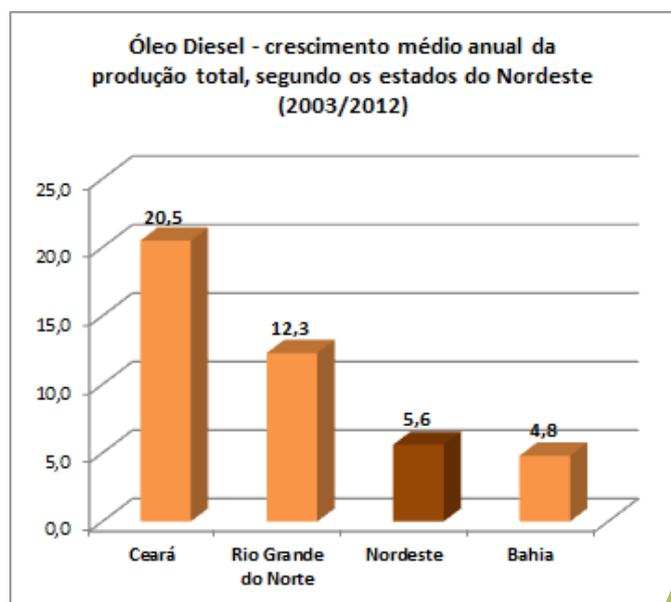


Fonte: Sindicom; ANP

Entre 2003 e 2012, a produção regional de óleo diesel apresentou o maior crescimento médio anual: 5,6%. No período, o país cresceu em média 3,2%.

A performance nordestina contou com a colaboração do Ceará, que apresentou crescimento médio anual de com 20,5% e Rio Grande do Norte, com 12,3%.

A seguir ficou a Bahia, com crescimento médio anual de 4,8%.



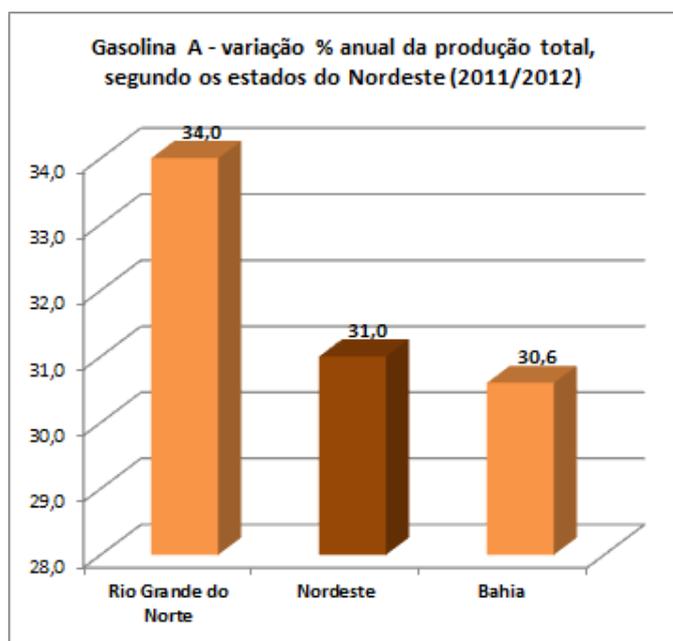
Fonte: Sindicom; ANP

1.1.5 Gasolina A³

No ano passado, o Nordeste produziu mais de três milhões de metros cúbicos de gasolina A, um crescimento de 31,0% em relação a 2011, e o maior do país.

O crescimento nordestino foi impulsionado pelo crescimento do Rio Grande do Norte, com 34,0.

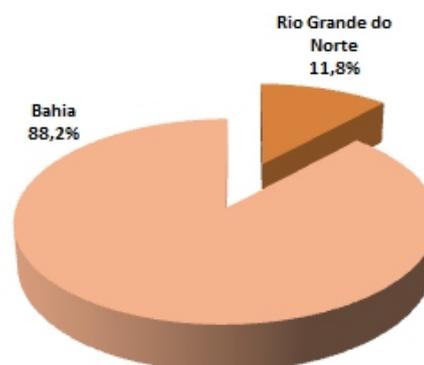
Ligeiramente abaixo se situou a Bahia, com 30,6%.



Fonte: Sindicom; ANP

À semelhança do que ocorre com o óleo diesel, a região ocupa, também, a terceira posição na produção nacional de gasolina A, com uma participação de 12,6%. A Bahia responde, igualmente, por cerca de 90% da produção regional.

Gasolina A - participação % dos estados do Nordeste na produção regional (2012)

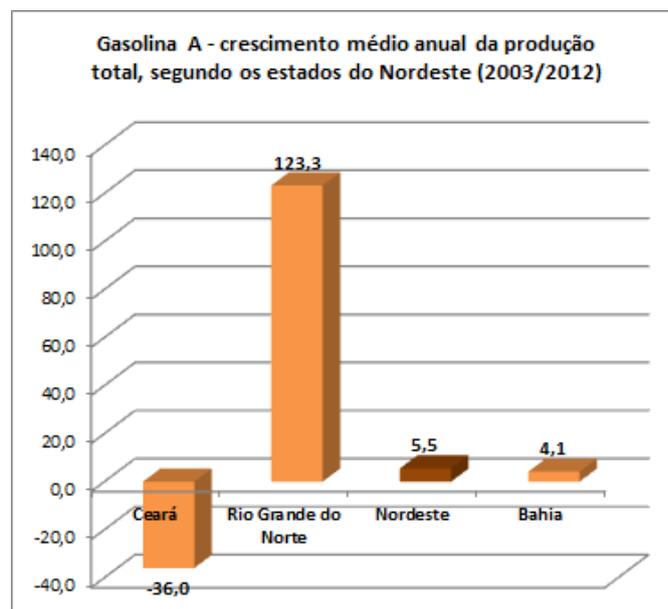


Fonte: Sindicom; ANP

No período de 2003 a 2012, o crescimento médio anual da produção de gasolina A do Nordeste, assim como o do óleo diesel, foi de 5,5%.

A performance nordestina foi impulsionada pela produção média anual do Rio Grande do Norte, com 123,3%, destacando-se que este estado só começou a produzir em 2010.

A Bahia apresentou um crescimento médio anual de 4,1% e o Ceará queda de 36,0%, ressaltando-se que este estado deixou de apresentar informação sobre o derivado a partir de 2008.



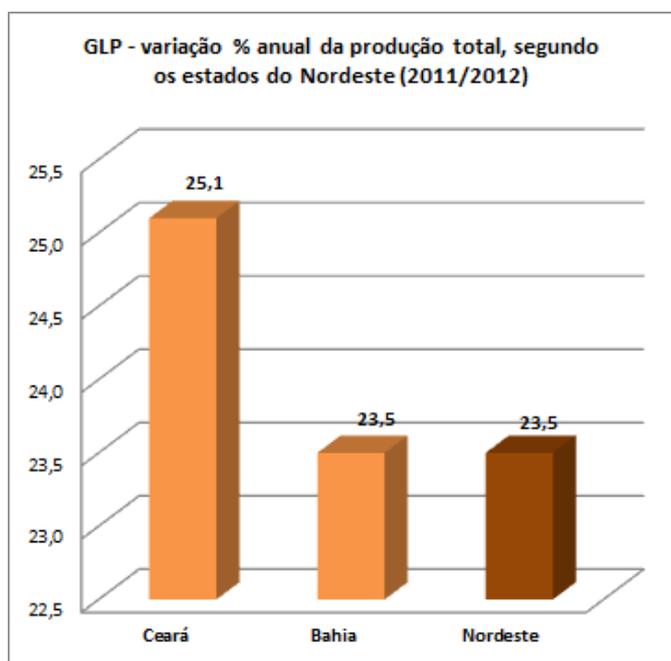
Fonte: Sindicom; ANP

³ A Resolução ANP nº 57, de 20/10/2011, define a gasolina A como sendo um combustível produzido por processo de refino de petróleo ou formulado por meio da mistura de correntes provenientes do refino de petróleo e processamento de gás natural, destinado aos veículos automotivos dotados de motores ciclo Otto, isento de componentes oxigenados.

1.1.6 Gás Liquefeito de Petróleo (GLP)⁴

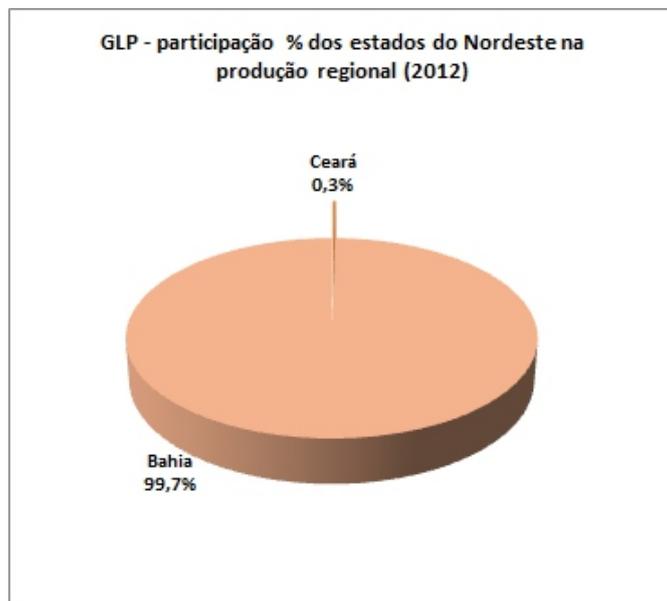
O Nordeste produziu em 2012, mais de um milhão de metros cúbicos de GLP, uma elevação de 23,5% em relação a 2011.

Os estados que contribuíram para o desempenho regional foram: Ceará, com 25,1%, e Bahia, com 23,5%.



Fonte: Sindicom; ANP

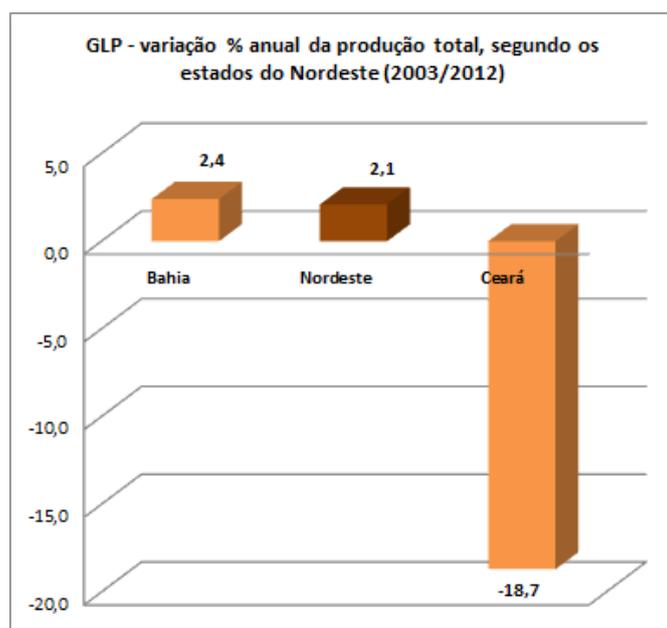
A região ocupa a terceira posição, responsável por cerca de 15,0% da produção nacional do combustível, e a Bahia responde pela quase totalidade de GLP produzido na região.



Fonte: Sindicom; ANP

No período de 2003 a 2012, o crescimento médio anual regional do combustível foi de 2,1%, acima da média nacional, de 0,6%, e a segunda maior do país.

Na década, a Bahia cresceu acima da média regional, com 2,4%, e o Ceará apresentou tendência de queda de -18,7% em média anualmente.



Fonte: Sindicom; ANP

⁴ Gás Liquefeito de Petróleo (GLP) é uma mistura de hidrocarbonetos com alta pressão de vapor obtida do gás natural em unidades de processo especiais, que é mantida na fase líquida, em condições especiais de armazenamento na superfície. Portaria ANP nº 9, de 21/1/2000.

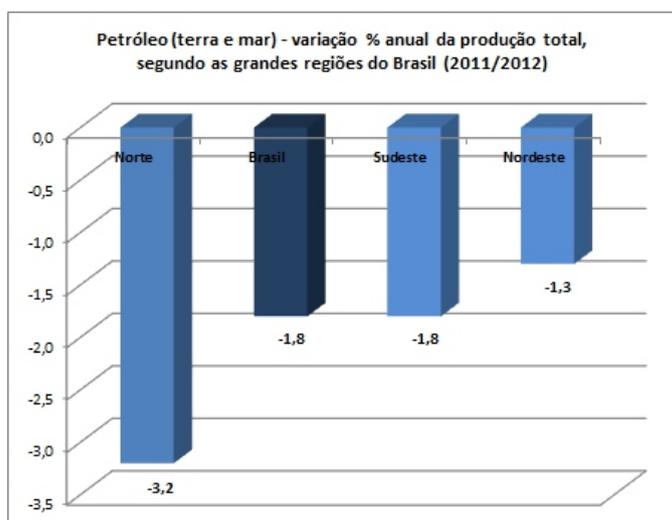
1.2 Brasil e Regiões

1.2.1. Petróleo (terra e mar)

Segundo a ANP, o Brasil produziu cerca de cento e vinte milhões de metros cúbicos de petróleo no ano passado, uma queda de 1,8% em relação a 2011.

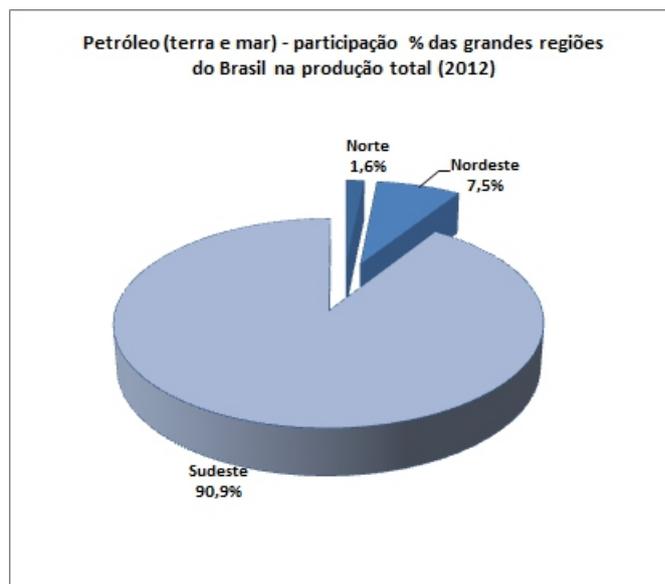
As regiões que contribuíram para o desempenho nacional foram o Nordeste, com -1,3%, e o Sudeste, com -1,8%.

Abaixo da média posicionou-se o Norte, com -3,2%.



Fonte: Sindicom; ANP

Em 2012 a produção nacional de petróleo distribuiu-se da seguinte forma: Sudeste, 90,9%; Nordeste, 7,5%; e Norte, 1,6%.

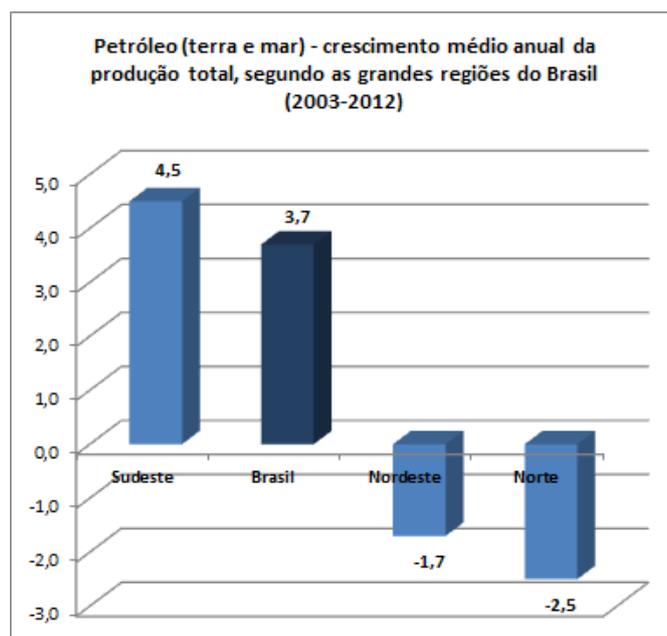


Fonte: Sindicom; ANP

No período de 2003 a 2012, o crescimento médio anual da produção de petróleo foi de 3,7%.

O Brasil deveu a sua performance ao Sudeste, que na década cresceu em média 4,5%.

Abaixo ficaram: Nordeste, com -1,7%, e Norte, com -2,5%.



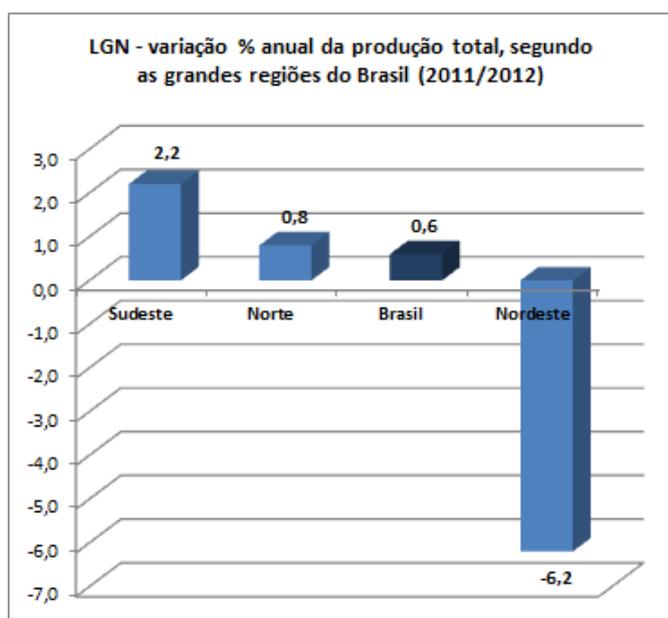
Fonte: Sindicom; ANP

1.2.2 Produção de Líquido de Gás Natural (LGN)

Em 2012, o país produziu mais de cinco milhões de metros cúbicos de LGN, um crescimento de 0,6% em relação a 2011.

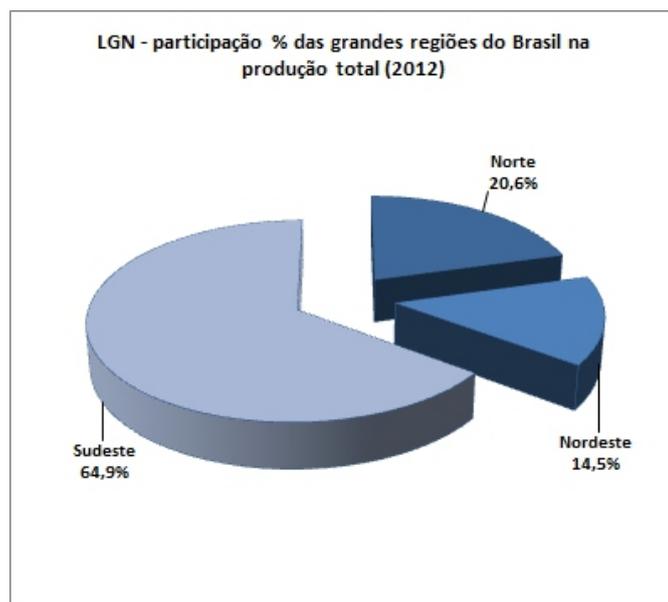
O desempenho nacional foi impulsionado pelo Sudeste, com 2,2% e pelo Norte, com 0,8%.

O Nordeste apresentou queda de 6,2%.



Fonte: Sindicom; ANP

O Sudeste contribuiu com 64,9% da produção nacional, o Norte com 20,6%, e o Nordeste com 14,5%.

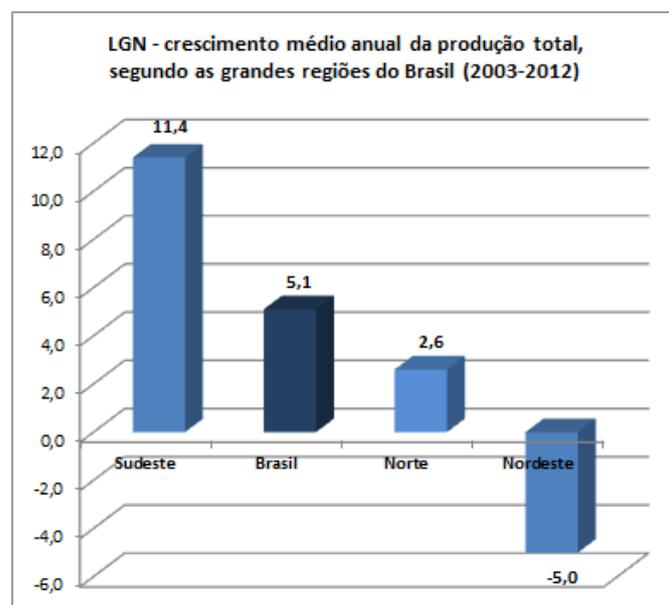


Fonte: Sindicom; ANP

Entre 2003 a 2012, a produção brasileira de LGN cresceu em média anualmente 5,1%.

A maior contribuição foi proporcionada pelo Sudeste, que no período cresceu em média 11,4%.

Em menor nível contribuiu o Norte, com 2,6%, e, em declínio, o Nordeste, com -5,0%.



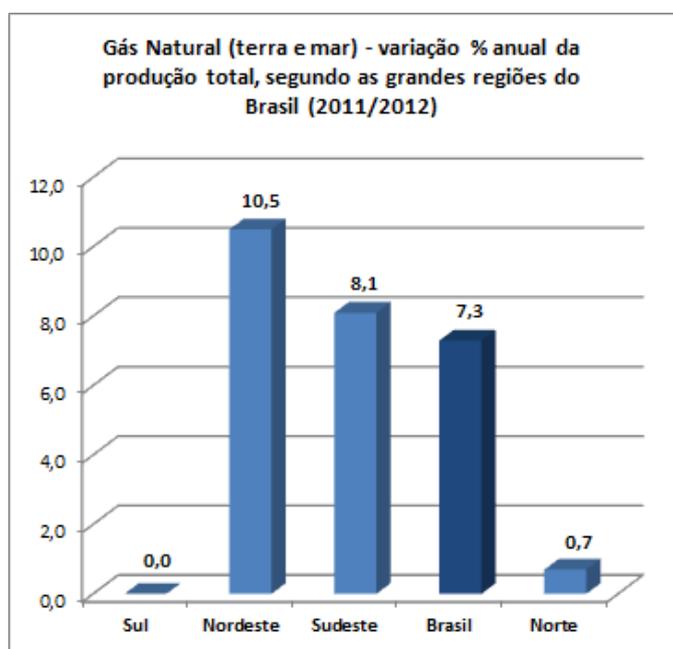
Fonte: Sindicom; ANP

1.2.3. Gás Natural (terra e mar)

No ano passado o país produziu mais de 25 milhões de metros cúbicos, significando um crescimento de 7,3% em relação a 2011.

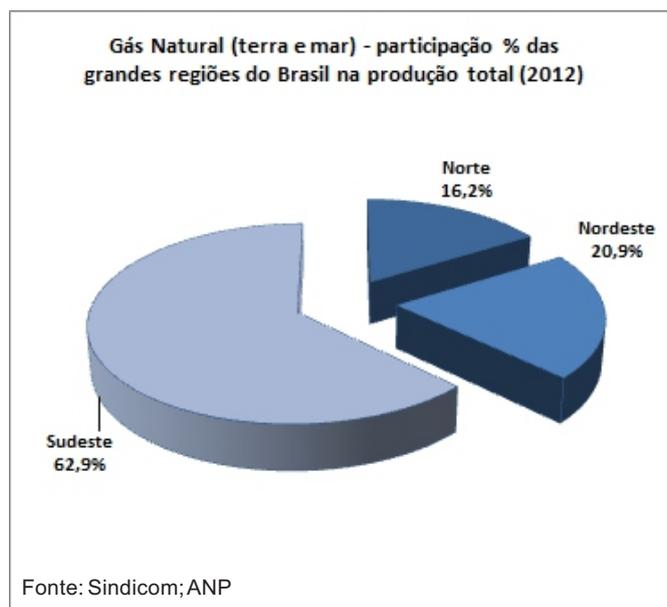
O desempenho nacional teve a colaboração do Nordeste, que cresceu 10,5%, e do Sudeste, com 8,1%.

Em um nível inferior situou-se o Norte, com 0,7%.



Fonte: Sindicom; ANP

A produção nacional teve a participação do Sudeste, com 62,9%; do Nordeste, com 20,9; e do Norte, com 16,2%.

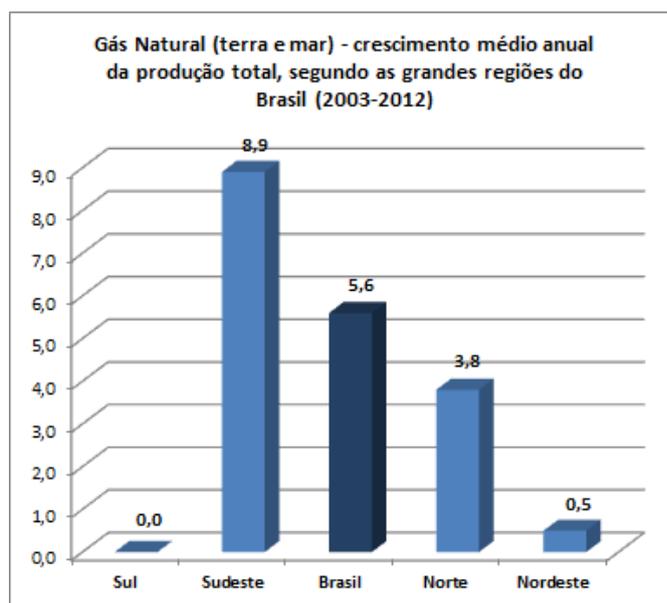


Fonte: Sindicom; ANP

No período de 2003 a 2012, o crescimento médio anual do derivado foi de 5,6%.

O Sudeste cresceu em média 8,9%, anualmente.

Num patamar inferior situou-se o Norte, com 3,8%; e o Nordeste, com 0,5%.



Fonte: Sindicom; ANP

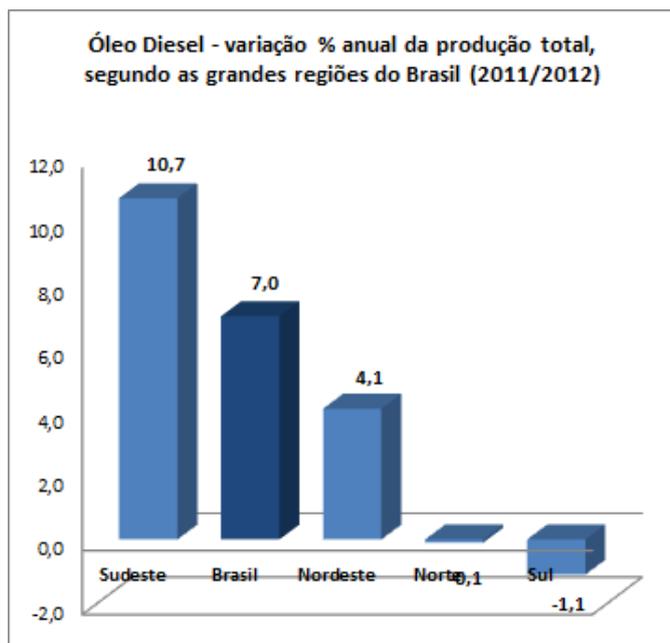
1.2.4 Óleo Diesel

O volume de quarenta e cinco milhões de metros cúbicos, situa este combustível em primeiro lugar na escala de produção do país.

Em 2012, a produção nacional apresentou um crescimento de 7,0% em relação a 2011.

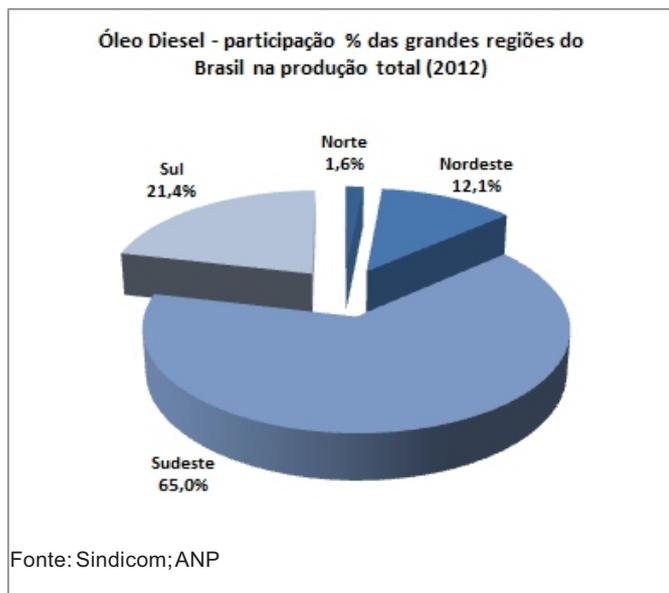
A performance nacional foi alavancada pelo Sudeste, que cresceu 10,7%.

Em níveis inferiores posicionaram-se: Nordeste, com 4,1%; Norte, com -0,1%; e Sul, com -1,1%.



Fonte: Sindicom; ANP

Em termos de participação nacional, o Sudeste contribuiu com 65,0% da produção; o Sul, com 21,4%; o Nordeste, com 12,1%; e o Norte, com 1,6%.

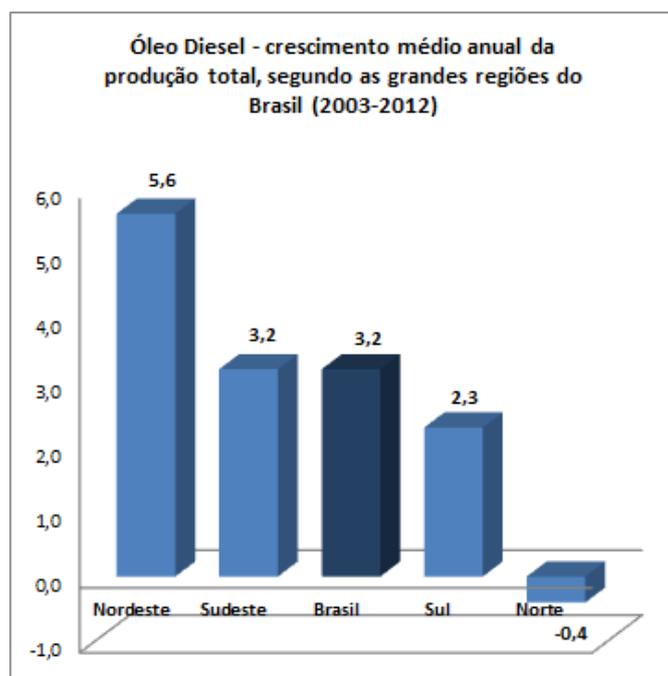


Fonte: Sindicom; ANP

Entre 2003 e 2012, o crescimento médio anual da produção do combustível do país foi de 3,2%.

As colaborações regionais seguiram a seguinte ordem: Nordeste, com 5,6%; e Sudeste, com 3,2%.

Abaixo da média, situaram-se: Sudeste, com 2,3%; e Nordeste, com -0,4%.



Fonte: Sindicom; ANP

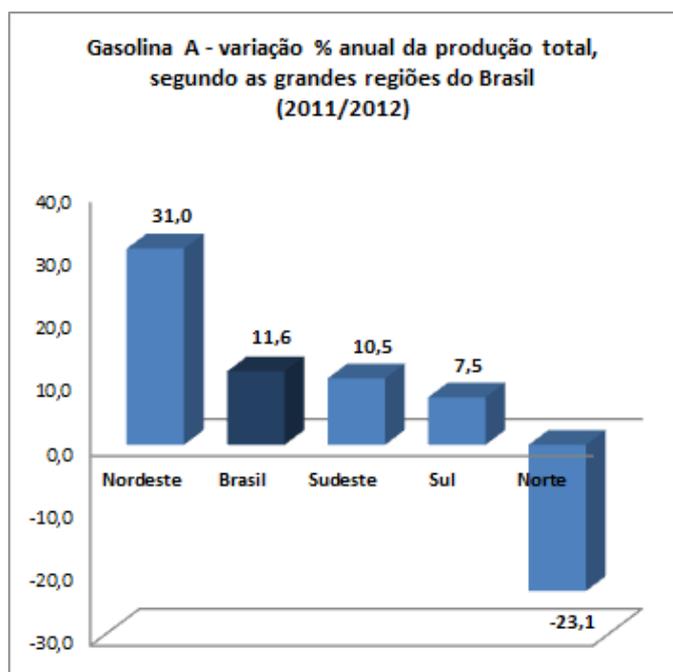
1.2.5. Gasolina A

Em 2012, o Brasil produziu 11,6% a mais de gasolina A em comparação com 2011, perfazendo um total de mais de vinte e seis milhões de metros cúbicos do combustível.

O Nordeste, com um crescimento de 31,0%, foi a região que mais contribuiu para o desempenho nacional.

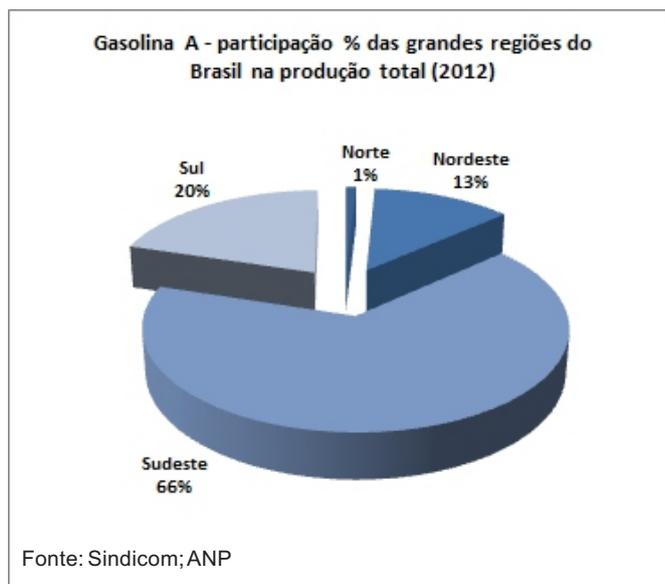
A seguir posicionaram-se: Sudeste, com 10,5%; e Sul, com 7,5%.

O Norte apresentou queda de 23,1%.



Fonte: Sindicom; ANP

No ano passado, a produção nacional de gasolina A distribuiu-se da seguinte forma: Sudeste, com 66,3%; Sul, com 20,2%; Nordeste, com 12,6%; e Norte, com 0,9%.



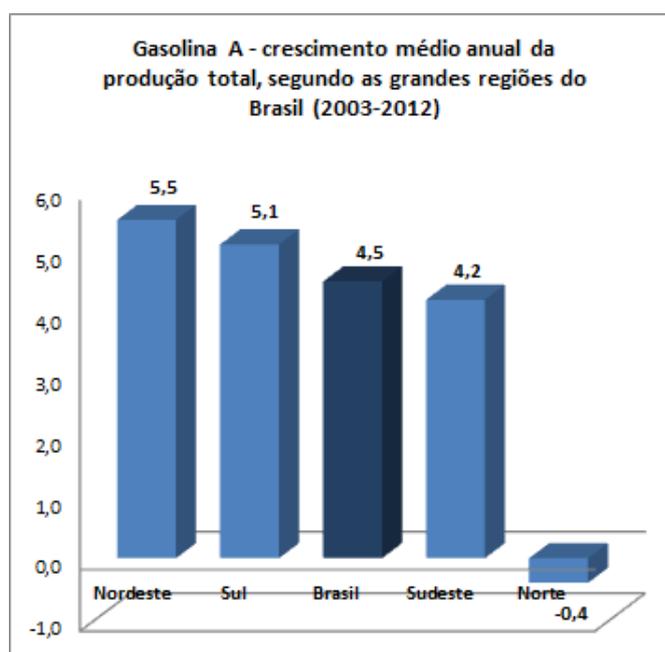
Fonte: Sindicom; ANP

No período de 2003 a 2012, o crescimento médio anual da produção de gasolina A foi de 4,5%.

A colaboração regional para esse desempenho, veio do Nordeste, com 5,5%; e do Sul, com 5,1%, de médias anuais.

Em um nível inferior ficou o Sudeste, com 4,2%, de média anual.

O Norte apresentou declínio anual de -0,4%, em média.



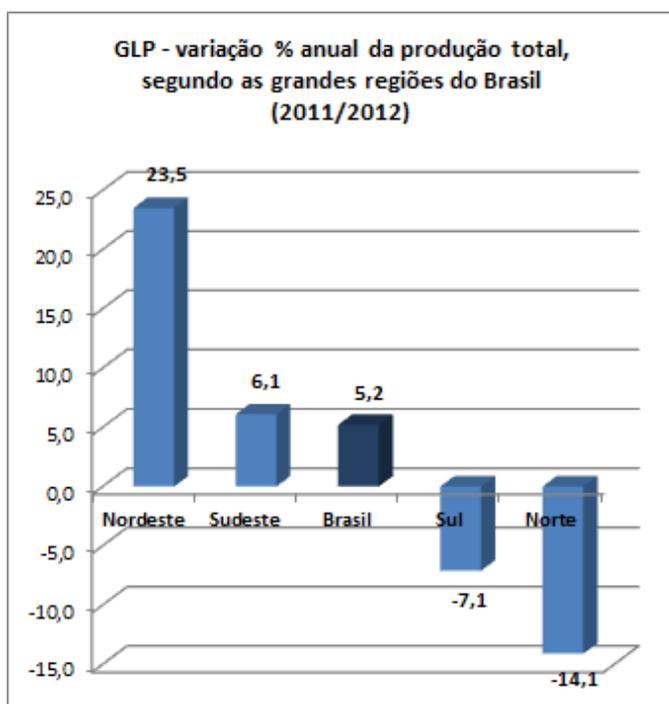
Fonte: Sindicom; ANP

1.2.6 Gás Liquefeito de Petróleo (GLP)

Com o volume de 8,3 milhões de metros cúbicos, o país elevou em 5,2% a produção deste derivado em 2012 em relação ao ano anterior.

O Nordeste, com crescimento de 23,5% e o Sudeste, com 6,1% foram as regiões que mais contribuíram para o comportamento nacional.

Em níveis inferiores posicionaram-se o Sul, com -7,1% e o Norte, com -14,1%.



Fonte: Sindicom; ANP

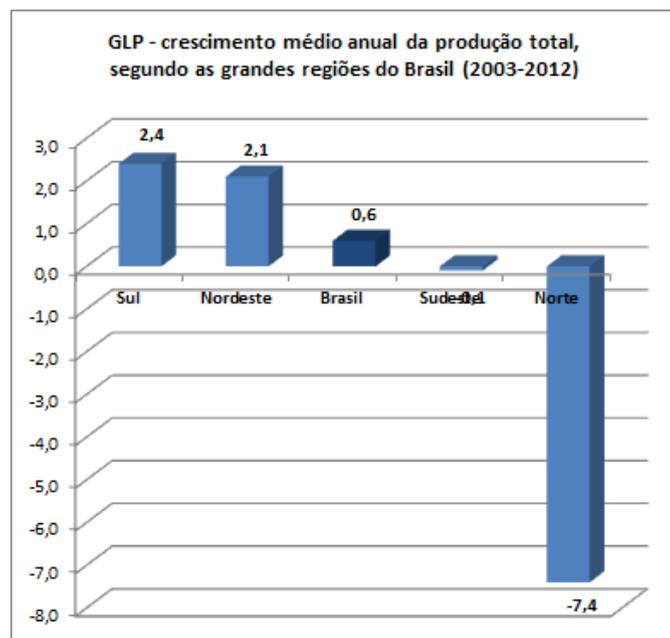
A contribuição regional para a produção nacional segue o seguinte perfil: Sudeste, com 64,0%; Sul, com 20,0%; Nordeste, com 15,2%; e Norte, com 0,8%.



Fonte: Sindicom; ANP

Entre 2003 a 2012, a média anual nacional de produção de GLP foi de 0,6%, alavancada pelo Sul, com 2,4%; e pelo Nordeste, com 2,1%.

Em níveis inferiores ficaram o Sudeste, com -0,1% e o Norte, com -7,4%



Fonte: Sindicom; ANP

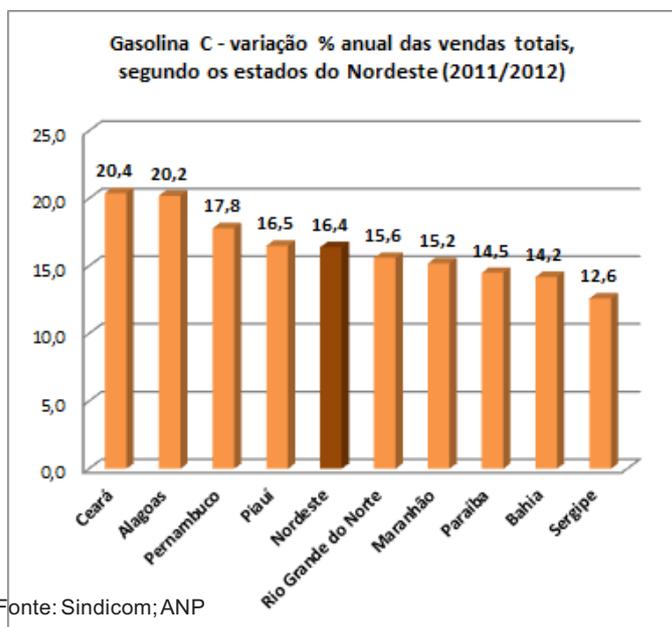
2. Consumo

2.1. Região Nordeste

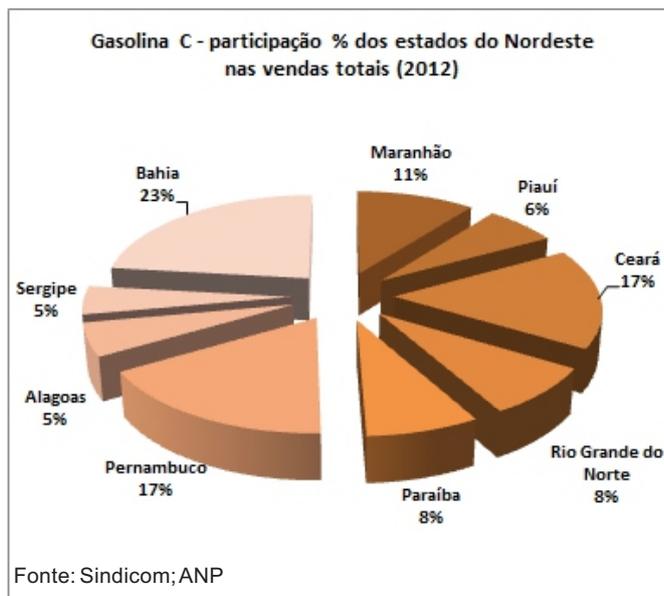
2.1.1. Gasolina C

Dados da ANP e do Sindicom, informam que o Nordeste fechou 2012 consumindo mais de 12 milhões de metros cúbicos de gasolina C⁵, representando um aumento de 16,4% em relação a 2011 e o maior do país. Esse volume atribuiu à região a posição de terceira maior consumidora nacional do combustível, responsável por cerca de 18%.

Os estados que contribuíram para o desempenho regional foram: Ceará, com 20,4%; Alagoas, com 20,2%; Pernambuco, com 17,8%; e Piauí, com 16,5%. Abaixo, posicionaram-se o Rio Grande do Norte, com 15,6%; Maranhão, com 15,2%; Paraíba, com 14,5%; Bahia, com 14,2%; e Sergipe, com 12,6%.



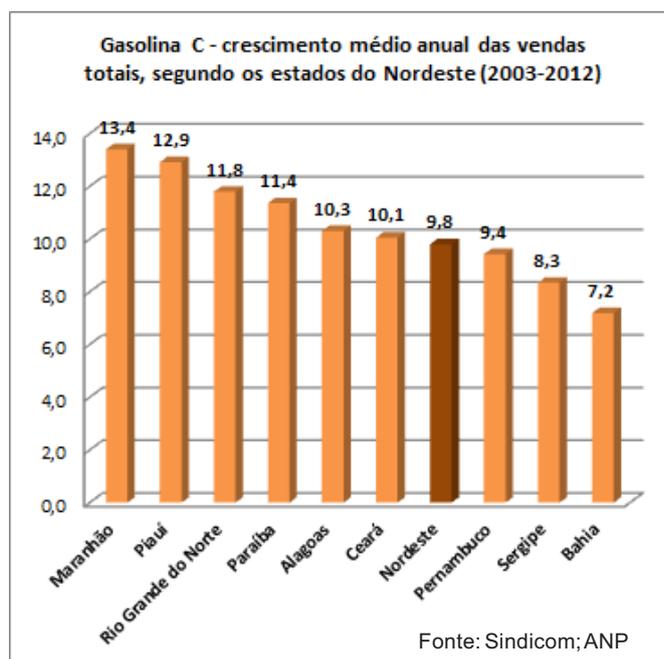
A Bahia, Pernambuco e Ceará, em conjunto, respondem por cerca de 60% do consumo nordestino de gasolina C.



No período de 2003 a 2012 o crescimento médio anual do consumo do combustível foi de 9,8%, acima da média nacional de 6,8%, e o segundo maior do país.

Na década, seis dos nove estados cresceram acima da média regional de 9,8%. Foram eles: Maranhão, com 13,4%; Piauí, com 12,9%; Rio Grande do Norte, com 11,8%; Paraíba, com 11,4%; Alagoas, com 10,3%; e Ceará, com 10,1%.

A um ritmo menor ficaram Pernambuco, Sergipe e Bahia, com 9,4%, 8,3% e 7,2%, respectivamente.



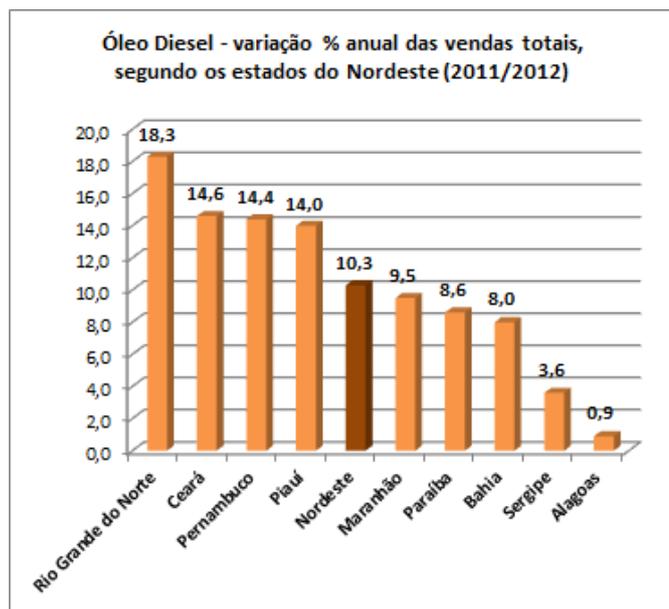
⁵ A gasolina tipo C é um combustível obtido da mistura de gasolina A e etanol anidro combustível, nas proporções definidas pela legislação em vigor. Resolução ANP nº 57, de 20/10/2011.

2.1.2. Óleo Diesel

Em 2012, o Nordeste consumiu mais de 16 milhões de metros cúbicos de óleo diesel, correspondente a cerca de 16% do consumo nacional e o terceiro maior do país.

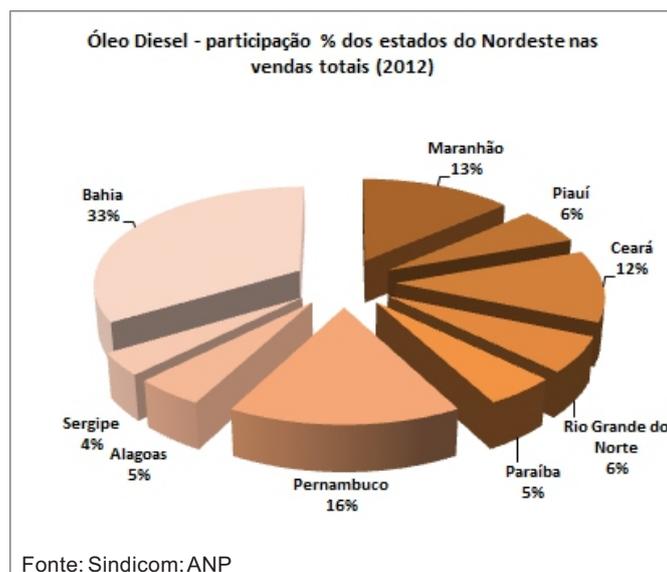
Esse volume significou um crescimento de 10,3%, em relação ao ano anterior, acima da média nacional de 6,7%, e o segundo maior do país.

Os estados que contribuíram para a performance nordestina foram: Rio Grande do Norte, com 18,3%; Ceará, com 14,6%; Pernambuco, com 14,4%; e Piauí, com 14,0%. Abaixo, posicionaram-se o Maranhão, com 9,5%; Paraíba, com 8,6%; Bahia, com 8,0%; Sergipe, com 3,6% e Alagoas, com 0,9%.



Fonte: Sindicom; ANP

Em relação a este combustível, quatro estados, Bahia, Pernambuco, Maranhão e Ceará, responderam por 75% do consumo regional.

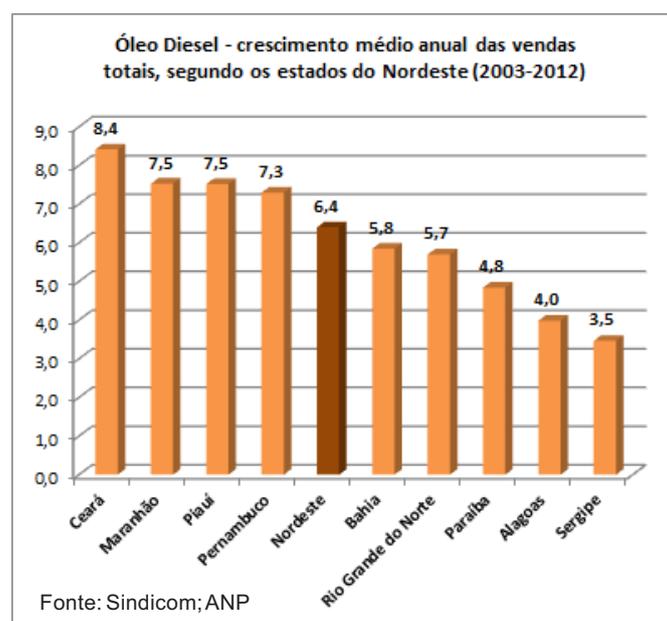


Fonte: Sindicom; ANP

No período de 2003 a 2012, o crescimento médio anual do consumo de óleo diesel, foi de 6,4%, acima da média nacional, de 4,8%, e o segundo maior do país.

Na década, quatro dos nove estados cresceram acima da média regional de 6,4%. Os maiores crescimentos médios anuais foram verificados no Ceará, com 8,4%; Maranhão e Piauí, com 7,5%; e Pernambuco, com 7,3%.

Abaixo da média ficaram a Bahia, com 5,8%; Rio Grande do Norte, com 5,7%; Paraíba, com 4,8%; Alagoas, com 4,0%; e Sergipe, com 3,5%.



Fonte: Sindicom; ANP

2.1.3. Etanol Hidratado

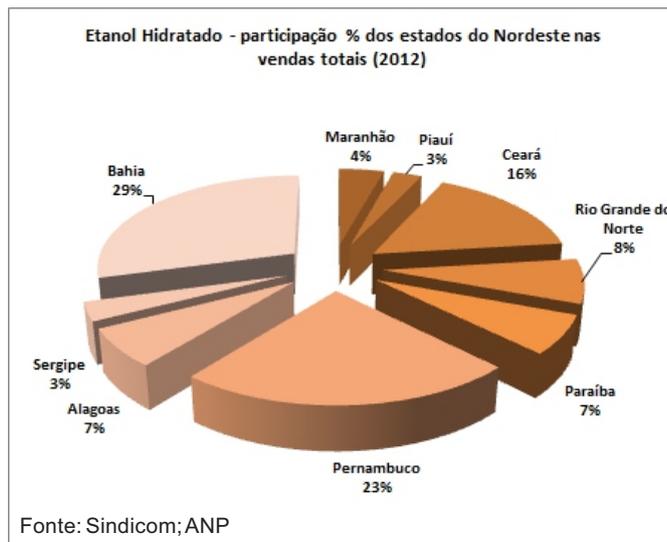
O comportamento do Nordeste no consumo de etanol hidratado, foi o pior do país, com uma queda de 20,9%.

O consumo absoluto ficou em pouco mais de um milhão de metros cúbicos, correspondente a cerca de 7% do consumo nacional e o quarto maior do país.

No ano passado o consumo nacional também caiu 8,8%, fruto do comportamento idêntico ocorrido em todas as regiões.

Quanto aos estados nordestinos, nos extremos ficaram Pernambuco com a menor queda (-15,3%) e o Maranhão com a maior (-31,5%). Pelo meio, situaram-se Ceará, com -17,4%; Sergipe, com -17,8%; Rio Grande do Norte, com -18,2%; Bahia, com -25,4%; Alagoas, com -25,8%; Paraíba, com -26,3%.

O único estado a apresentar variação positiva foi o Piauí (11,2%). Entretanto, tem a menor participação no consumo nordestino (2,8%).

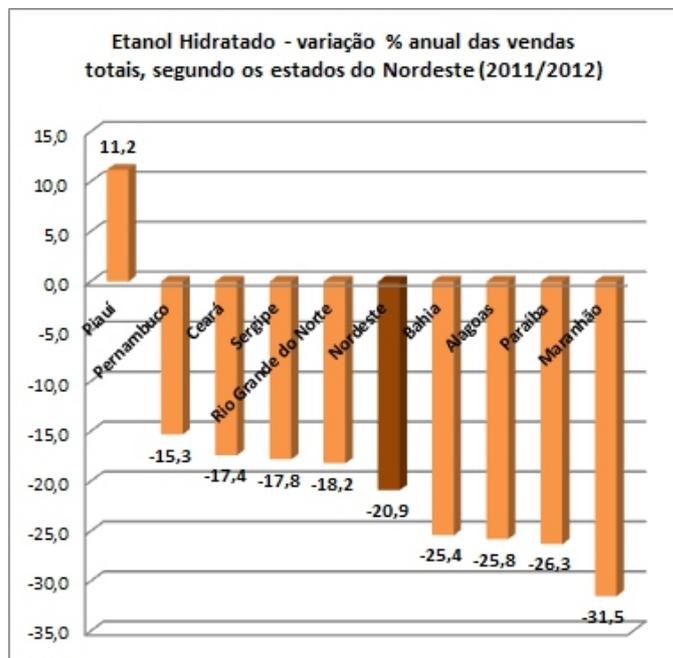


No período de 2003 a 2012, o crescimento médio anual do consumo do combustível da região foi de 12,0%, abaixo da média nacional, de 13,9%, e o terceiro menor do país.

Na década, três dos nove estados cresceram acima da média regional de 12,0%: Pernambuco, com 16,3%; Bahia, com 16,0%; e Maranhão, com 12,2%.

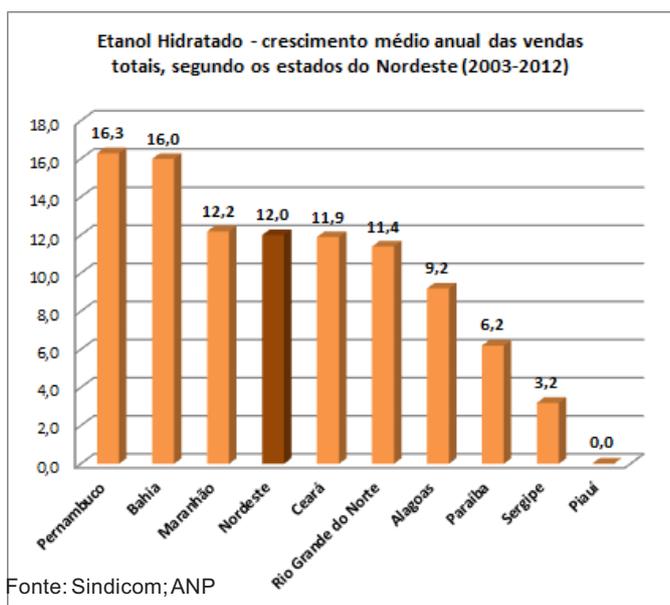
Abaixo da média regional ficaram: Ceará, com 11,9%; Rio Grande do Norte, com 11,4%; Alagoas, com 9,2%; Paraíba, com 6,2%; e Sergipe, com 3,2%.

No período, o Piauí não apresentou variação.



Fonte: Sindicom; ANP

Também em relação a este combustível os três principais estados da região, Bahia, Pernambuco e Ceará, responderam por cerca de 70% do consumo nordestino de etanol hidratado.



2.1.4. Gás Natural Veicular (GNV)

Em 2012, o Nordeste consumiu 6,7% menos GNV do que em 2011, que consumiu menos que em 2010, e tem sido assim desde 2008.

A queda no consumo nordestino de GNV foi a segunda pior entre as regiões, atrás somente do Centro-Oeste que caiu 10,2%.

No ano passado, o consumo regional foi pouco mais de meio milhão de metros cúbicos de GNV, representando uma participação de 18,5% do consumo nacional e o terceiro maior do país.

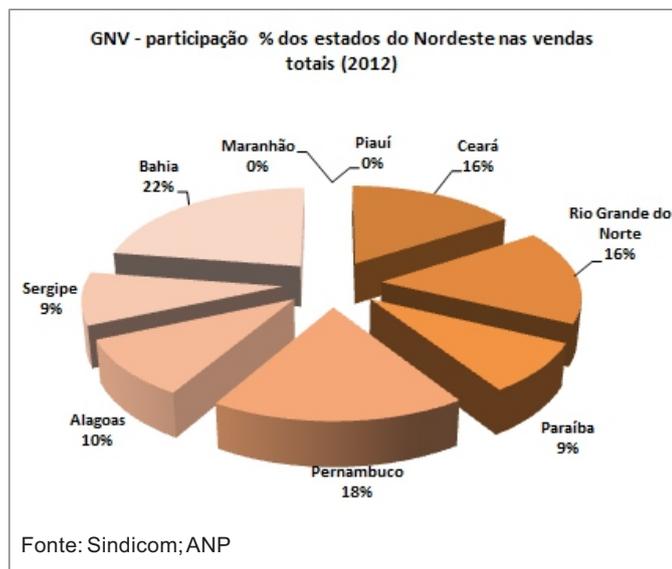
Em 2012, os estados com pior desempenho em relação à região foram o Ceará, com -12,0%; Paraíba, com -11,9%; e Rio Grande do Norte, com -8,1%.

Em posição relativamente melhor ficaram Pernambuco, com -4,9%; Sergipe, com -4,7%; Bahia, com -4,3%; e Alagoas, com -1,1%.

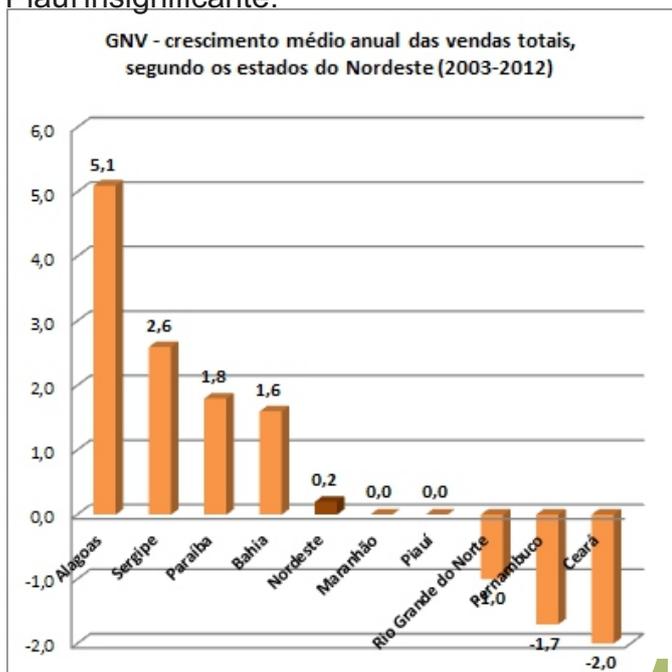
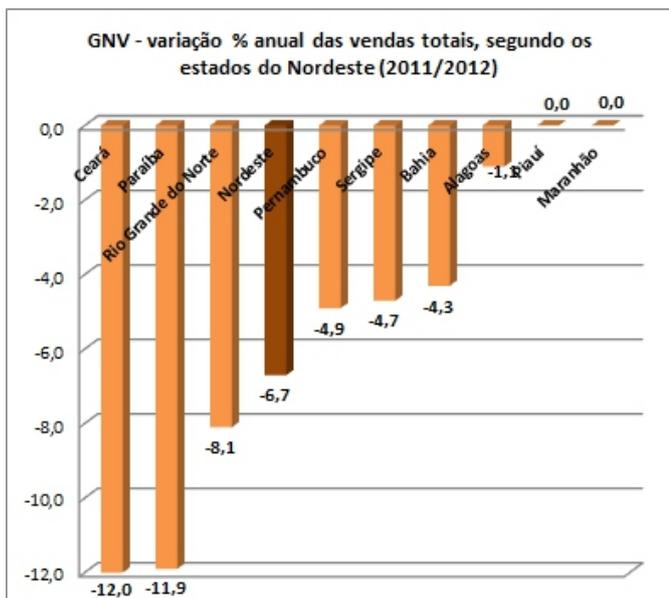
Piauí e Maranhão não apresentaram movimento nas vendas.

Esses fatos fizeram com que o consumo do Nordeste, entre 2003 e 2012, tenha ficado praticamente inalterado, com um crescimento médio anual de 0,2%.

Em relação a este combustível, quatro estados, Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Bahia, responderam por mais de 70% do consumo regional.



No período de 2003 a 2012 o desempenho médio anual dos estados foi de 5,1%, em Alagoas; 2,6%, em Sergipe; 1,8%, na Paraíba; 1,6%, na Bahia; -1,0%, no Rio Grande do Norte; -1,7%, em Pernambuco; e -2,0%, no Ceará. No Maranhão o consumo foi nulo e no Piauí insignificante.

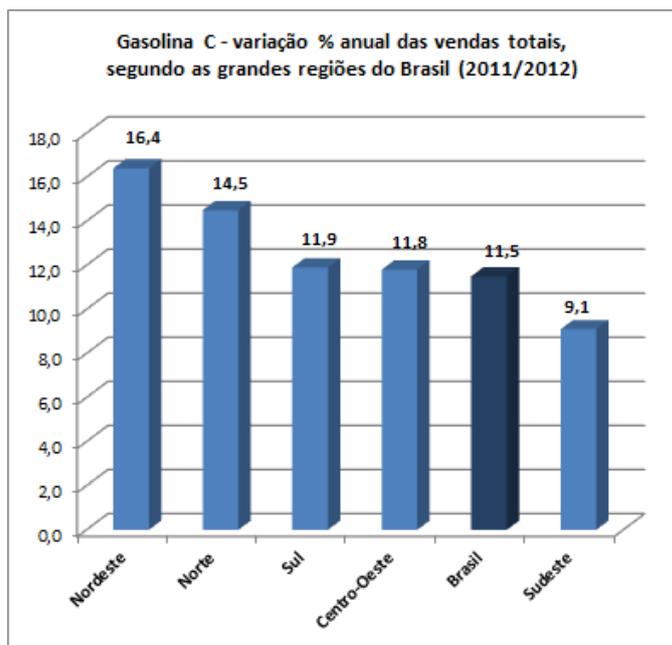


2.2. Brasil e Regiões

2.2.1. Gasolina C

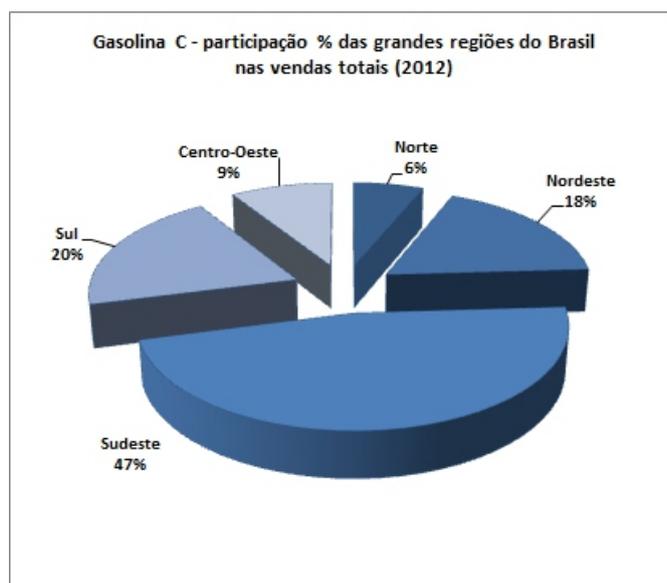
Segundo a ANP, o Brasil consumiu mais de 68 milhões de metros cúbicos de gasolina C no ano passado, equivalente a um crescimento de 11,5%, em relação a 2011.

As regiões que mais contribuíram para o desempenho nacional foram o Nordeste, com 16,4%; Norte, com 14,5%; Sul, com 11,9% e Centro-Oeste, com 11,8%. Abaixo da média posicionou-se o Sudeste, com 9,1%.



Fonte: Sindicom; ANP

Em 2012 o consumo nacional de gasolina C distribuiu-se da seguinte forma: Sudeste, 47%; Sul, 20%; Nordeste, 18%; Centro-Oeste, 9%; e Norte, 6%.

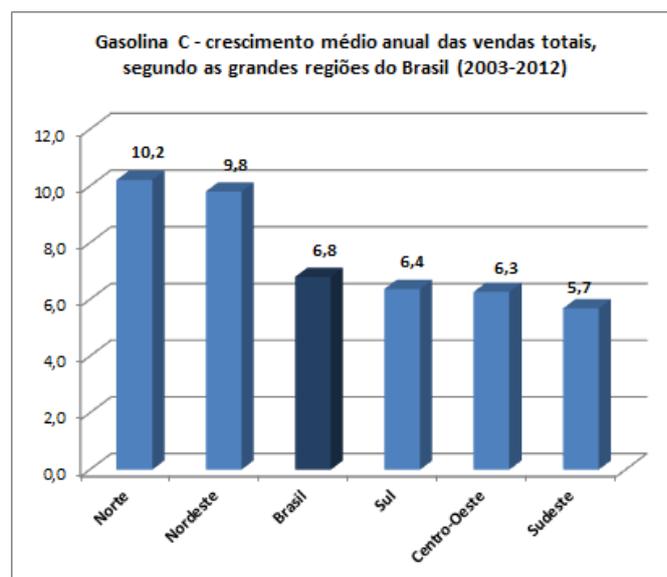


Fonte: Sindicom; ANP

No período de 2003 a 2012 o crescimento médio anual brasileiro do consumo de gasolina C foi de 6,8%.

Na década, o Norte, com 10,2%, e o Nordeste, com 9,8%, foram as regiões que mais contribuíram para a performance nacional.

Em um patamar inferior ficaram o Sul, com 6,4%; Centro-Oeste, com 6,3%; e Sudeste, com 5,7%.

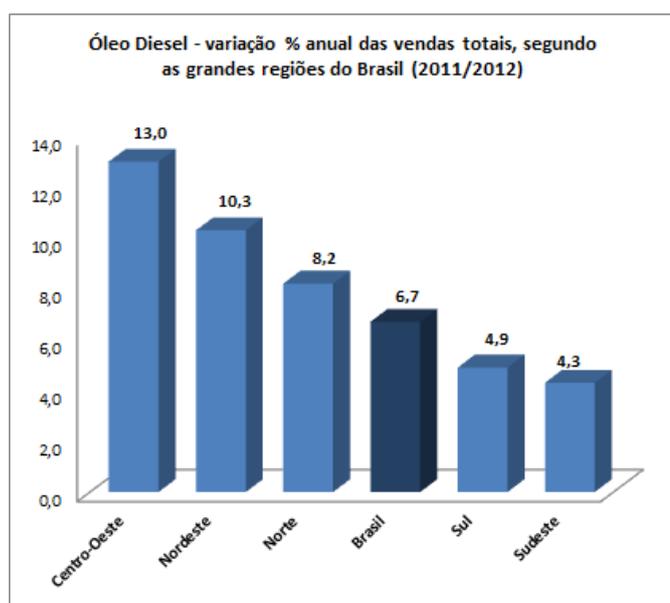


Fonte: Sindicom; ANP

2.2.2. Óleo Diesel

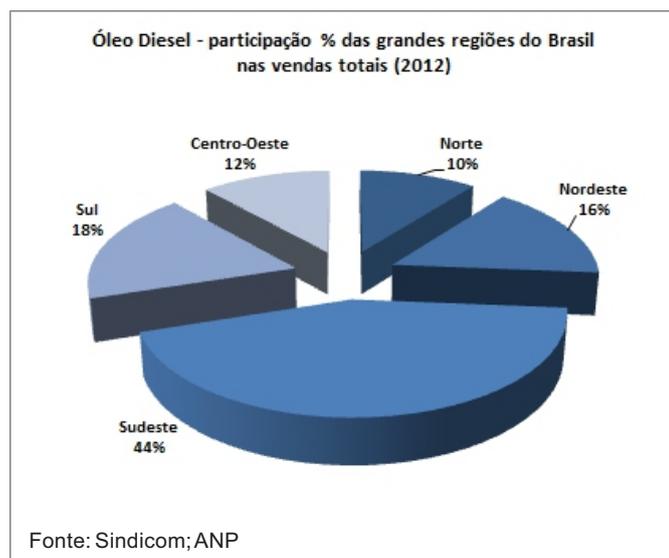
Em 2012, o país consumiu mais de 100 milhões de metros cúbicos de óleo diesel, representando um crescimento 6,7% em relação ao ano anterior.

As regiões que contribuíram para a performance nacional foram o Centro-Oeste, com 13,0%; Nordeste, com 10,3%; e Norte, com 8,2%. Abaixo, posicionaram-se Sul, com 4,9%; e Sudeste, com 4,3%.



Fonte: Sindicom; ANP

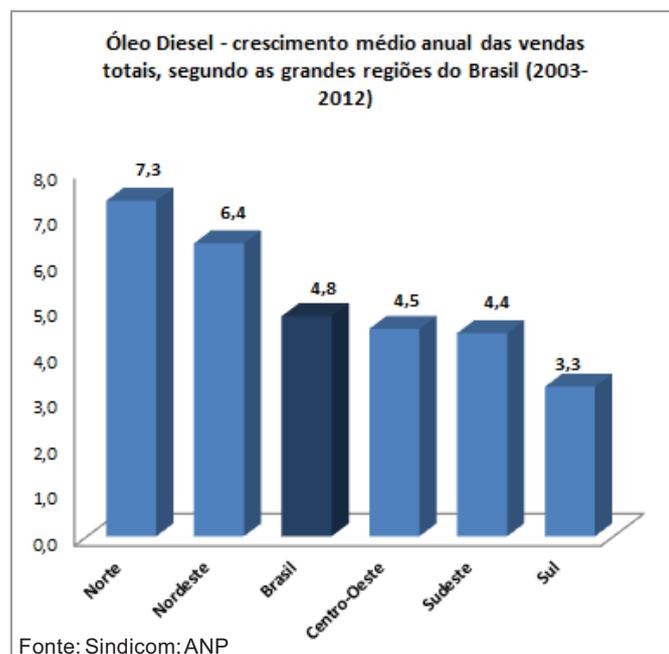
No ano passado, o consumo nacional de óleo diesel distribuiu-se da seguinte forma: Sudeste, 44%; Sul, 18%; Nordeste, 16%; Centro-Oeste, 10%; e Norte, 10%.



No período de 2003 a 2012, o consumo brasileiro de óleo diesel cresceu em média 4,8%.

Também neste caso, o Norte, com 7,3%, e o Nordeste, com 6,4%, foram as regiões que mais contribuíram para o desempenho do país.

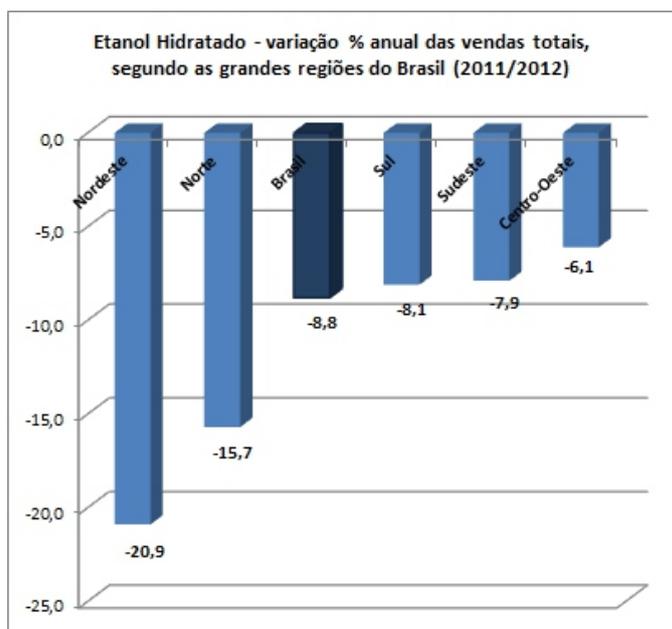
Em um nível inferior ficaram o Centro-Oeste, com 4,5%; Sudeste, com 4,4%; e Sul, com 3,3%.



2.2.3. Etanol Hidratado

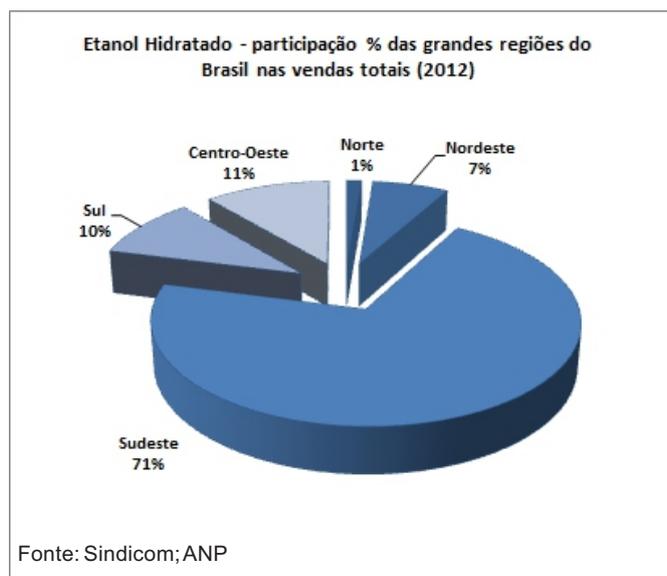
No ano passado, o consumo nacional caiu 8,8%, acompanhando a tendência verificada em todas as regiões.

Abaixo da média nacional, ficaram: Centro-Oeste com -6,1%; Sudeste, com -7,9%; e Sul, com -8,1%, e acima, ficaram: Norte, com -15,7%; e Nordeste, com -20,9%.



Fonte: Sindicom; ANP

Em 2012, o consumo nacional de etanol hidratado distribuiu-se da seguinte forma: Sudeste, 71%; Centro-Oeste, 11%; Sul, 10%; Nordeste, 7%; e Norte, 1%.



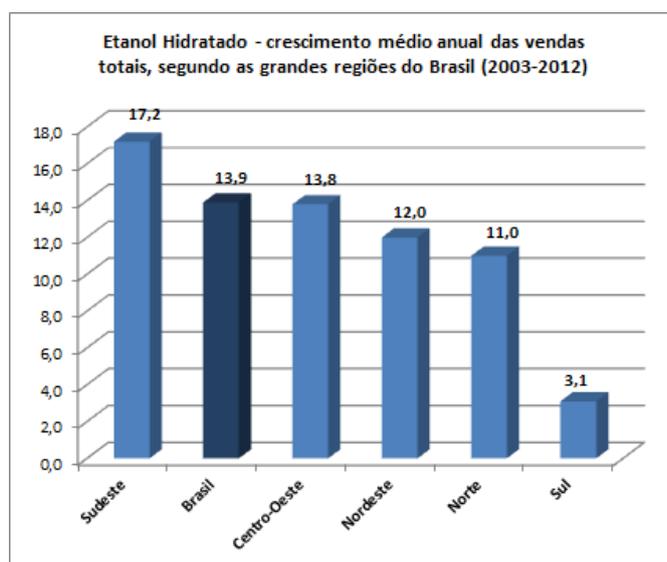
Fonte: Sindicom; ANP

No período de 2003 a 2012, o crescimento médio anual foi de 13,9%.

Na década, somente uma região cresceu acima da média nacional: o Sudeste, com 17,2%.

Numa posição inferior ficaram o Centro-Oeste, com 13,8%; Nordeste, com 12,0%; Norte, com 11,0%; e Sul, com 3,1%.

Nos últimos anos, o consumo nacional deste combustível vem apresentando uma tendência persistente de queda. Em 2009, o Brasil chegou a consumir mais de 26 milhões de metros cúbicos de etanol hidratado. Em 2012, consumiu cerca de 16 milhões de metros cúbicos



Fonte: Sindicom; ANP

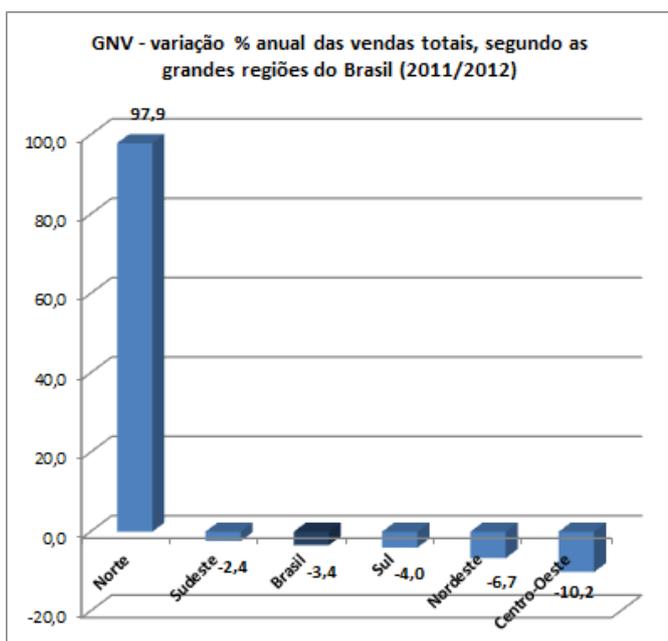
2.2.4. Gás Natural Veicular (GNV)

Em relação a este combustível, o comportamento tem sido idêntico ao do etanol hidratado. Em 2012, o Brasil consumiu 2,7 milhões de metros cúbicos, 3,4% menos do que em 2011, que consumiu menos que em 2010, e tem sido assim desde 2008.

As regiões com pior desempenho foram o Centro-Oeste, com -10,2%; Nordeste, com -6,7%; e Sul, com -4,0%.

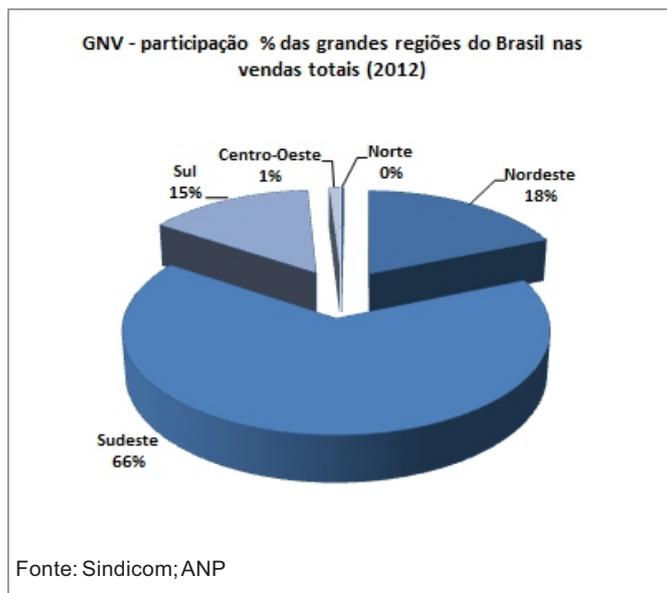
Em posição relativamente melhor ficou o Sudeste, com -2,4%.

O Norte apresentou um crescimento de 97,9%, fruto da base extremamente frágil. A participação desta região no consumo nacional do combustível é praticamente nula (0,2%).



Fonte: Sindicom; ANP

Em 2012, a participação regional no consumo nacional de GNV seguiu o seguinte perfil: Sudeste, 66%; Nordeste, 18%; Sul, 15%; Centro-Oeste, 1%; e Norte, 0%.



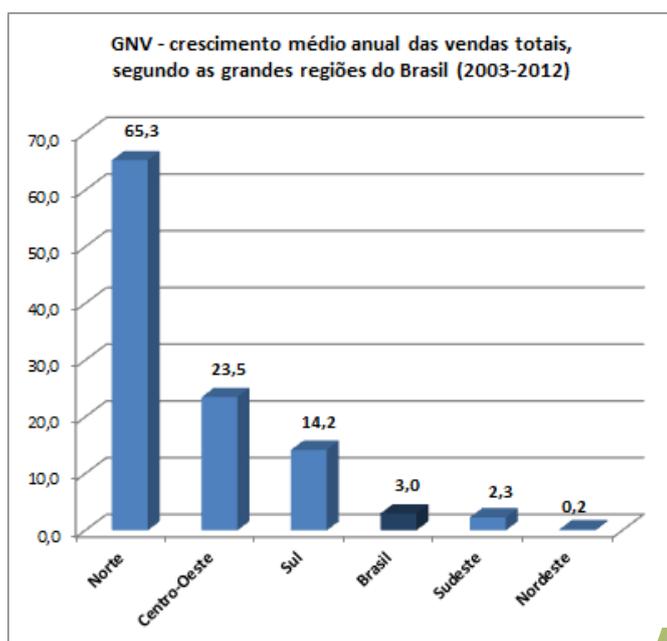
Fonte: Sindicom; ANP

Entre 2003 e 2012, o crescimento do consumo médio anual de GNV do país foi de 3,0%.

As regiões que ajudaram a alavancar o desempenho nacional foram o Centro-Oeste, com 23,5%; Sul, com 14,2%.

Abaixo da média, situaram-se o Sudeste, com 2,3%; e Nordeste, com 0,2%.

Na década, o Norte teve um crescimento médio anual de 65,3%. Mas assim como na performance verificada em 2012 em relação a 2011 (97,9%) esta taxa é explicada pelo ínfimo peso com que esta região participa no consumo nacional do combustível (0,2%).



Fonte: Sindicom; ANP

3. Resto do Mundo

3.1. Petróleo

3.1.1. Produção

Segundo dados da ANP, em 2012, foram produzidos no mundo 86.152 mil barris/dia de petróleo.

O Oriente Médio, Europa e ex-União Soviética e América do Norte produziram mais de 70,0% do petróleo mundial.

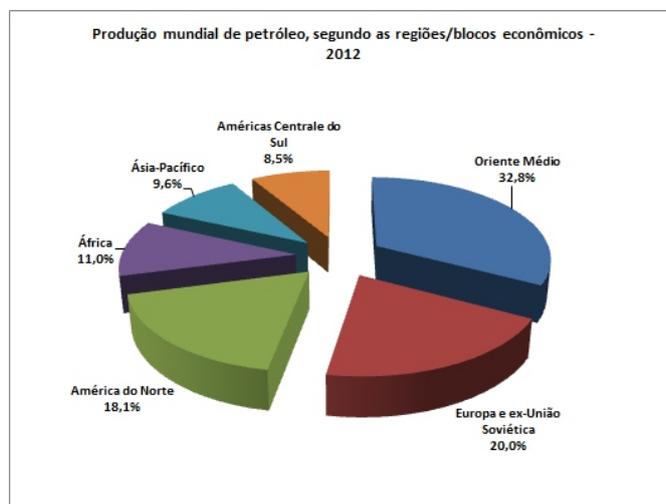
O Oriente Médio é a maior região produtora responsável por 1/3 da produção mundial de petróleo. 88,0% dessa produção foi proporcionado pela Arábia Saudita, com 11.530 mil barris/dia; Irã, com 3.680 mil barris/dia; Emirados Árabes Unidos, com 3.380 mil barris/dia; Coveite, com 3.127 mil barris/dia; e Iraque, com 3.115 mil barris/dia.

A Europa e ex-União Soviética é a segundo região produtora, responsável por 1/5 do petróleo extraído no mundo. Desse total, 83,0% foi proporcionado pela Rússia, com 10.643 mil barris/dia; Noruega, com 1.916 mil barris/dia; e Cazaquistão, com 1.728 mil barris/dia.

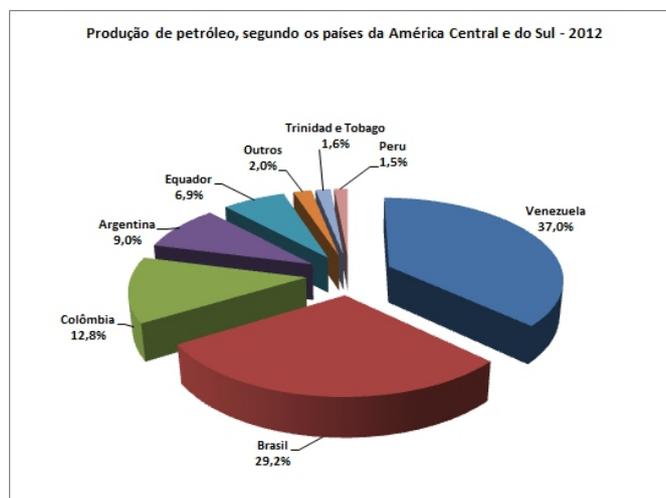
A América do Norte é a terceira região produtora, responsável por 18,1% do petróleo extraído no mundo. Os Estados Unidos contribuíram com 8.905 mil barris/dia, o Canadá com 3.741 mil barris/dia, e o México, com 2.911 mil barris/dia.

A África é a quarta região, fonte de 11,0% do petróleo extraído no mundo. Desse total, quase 80,0% foi extraído na Nigéria, com 25,6%; Angola, com 18,9%; Argélia, com 17,7%; e Líbia, com 16,0%.

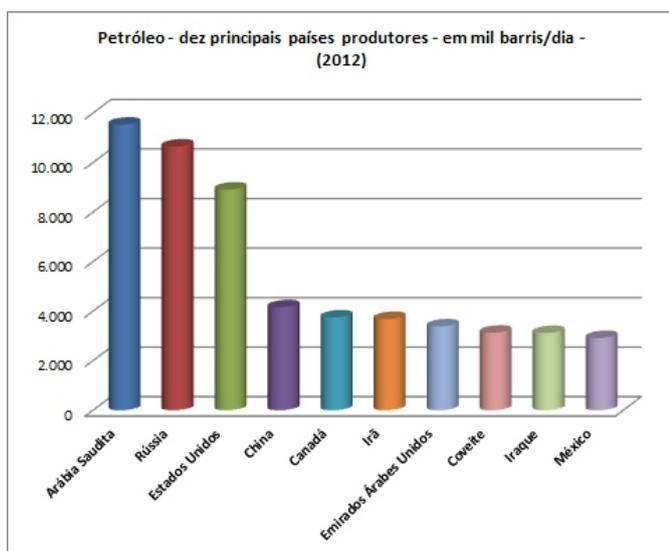
A Ásia-Pacífico participou com 9,6% da produção mundial de petróleo. Desse total, a China produziu a metade, 50,0%; a Indonésia, 11,0%; e a Índia, 10,8%. Os três países produziram mais de 70,0% do petróleo produzido na região.



A América Central e do Sul, colaboraram com 8,5% do petróleo produzido no mundo. Na região, a Venezuela, o Brasil e a Colômbia, em conjunto, produziram quase 80,0% do petróleo do continente. O primeiro, com 37,0%; o segundo, com 29,2%; e o terceiro, com 12,8%.



Os dez principais países produtores responderam por mais de 64,0% da produção mundial: A Arábia Saudita, com 13,4%; Rússia, com 12,4%; EUA, com 10,3%; China, com 4,8%; Canadá, com 4,3%; Irã, com 4,3%; Emirados Árabes Unidos, com 3,9%; Coveite, com 3,6%; Iraque, com 3,6%; e México, com 3,4%.



3.1.2. Consumo

No ano passado, o mundo consumiu 89.774 mil barris/dia de petróleo.

A Ásia-Pacífico, a América do Norte e a Europa e ex-União Soviética consumiram quase 80,0% do petróleo mundial. O Oriente Médio, a América Central e do Sul e a África consumiram os demais 20,0%.

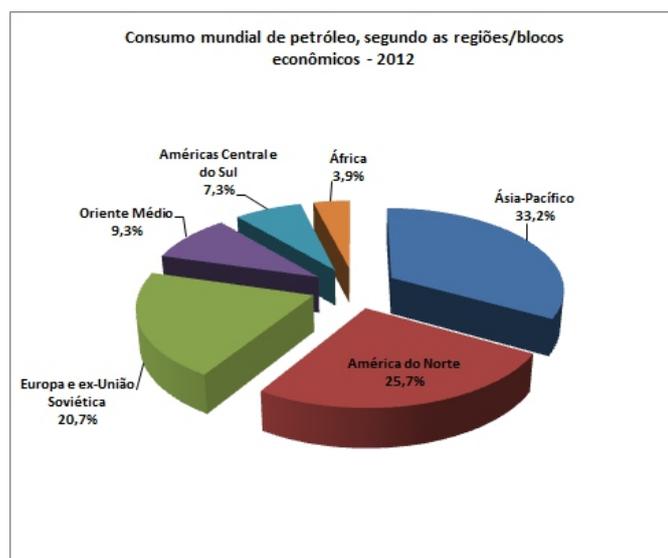
Do total consumido pela Ásia-Pacífico, 71,0% foi ocasionado pela China, com 10.221 mil barris/dia; Japão, com 4.714 mil barris/dia; Índia, com 3.652 mil barris/dia; e Coreia do Sul, com 2.458 mil barris/dia.

A América do Norte teve o seu consumo distribuído da seguinte forma: Estados Unidos, 80,5%; Canadá, 10,5%; e México, 9,0%.

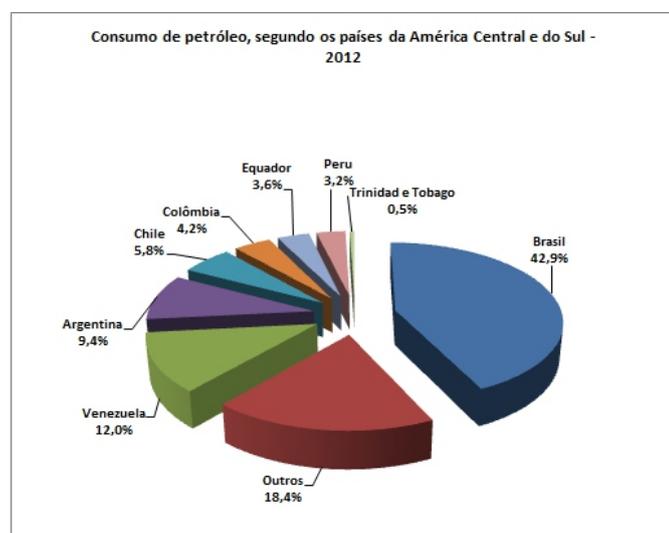
Cerca de 60,0% do consumo da Europa e ex-União Soviética foi proporcionado pela Rússia, com 3.174 mil barris/dia; Alemanha, com 2.358 mil barris/dia; França, com 1.687 mil barris/dia; Reino Unido, com 1.468 mil barris/dia; Itália, com 1.345 mil barris/dia; Espanha, com 1.278 mil barris/dia.

A Arábia Saudita, com 2.935 mil barris/dia e o Irã, com 1.971 mil barris/dia, respondem por cerca de 60,0% do consumo do Oriente Médio.

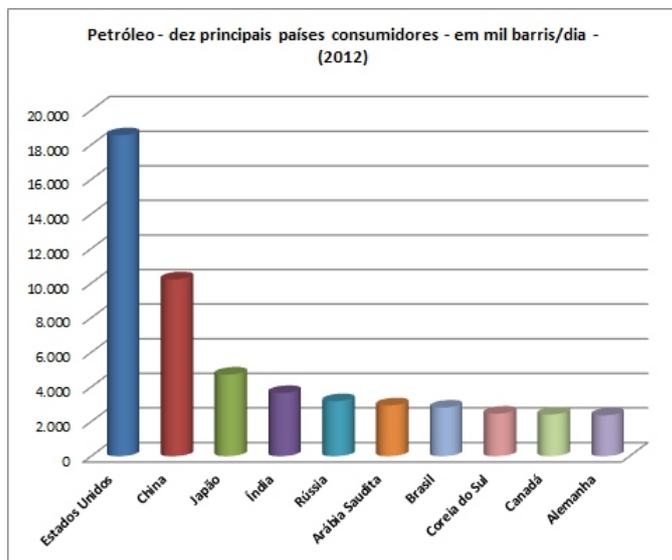
Egito, África do Sul e Argélia respondem por cerca da metade do consumo da África, com 744 mil barris/dia, 561 mil barris/dia, e 561 mil barris/dia.



A América Central e do Sul, colaboraram com 7,3% do consumo mundial de petróleo. Na América do Sul, o Brasil consome quase a metade do combustível (42,9%).



Os dez principais países consumidores responderam por cerca de 60,0% do consumo mundial de petróleo: os Estados Unidos, com 20,7%; China, com 11,4%; Japão, com 5,3%; Índia, com 4,1%; Rússia, com 3,5%; Arábia Saudita, com 3,3%; Brasil, com 3,1%; Coreia do Sul, com 2,7%; Canadá, com 2,7%; e Alemanha, com 2,6%.



3.1.3. Reservas Provasdas

O mundo detém mais de um trilhão e meio de barris em reservas provadas de petróleo (1.668,9 bilhões de barris).

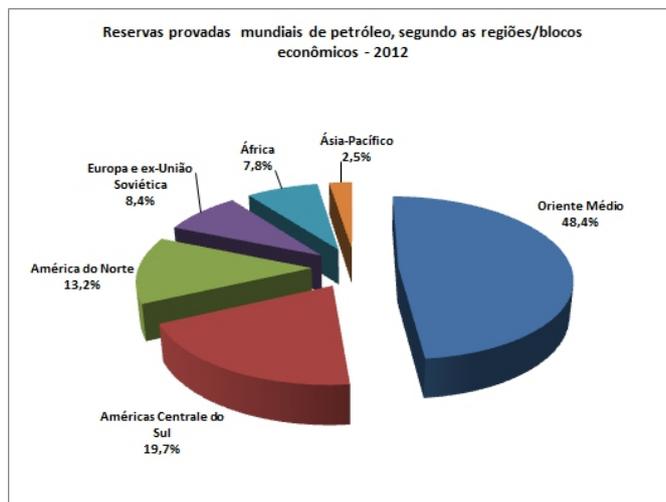
Quase a metade dessas reservas está no Oriente Médio (48,4%), e a outra metade está distribuída pelas Américas Central e do Sul (19,7%), América do Norte (13,2%), Europa e ex-União Soviética (8,4%), África (7,8%), e Ásia-Pacífico (2,5%).

Mais de 95,0% das reservas do Oriente Médio estão na Arábia Saudita (32,9%), Irã (19,4%), Iraque (18,6%), Coveite (12,6%), e Emirados Árabes Unidos (12,1%).

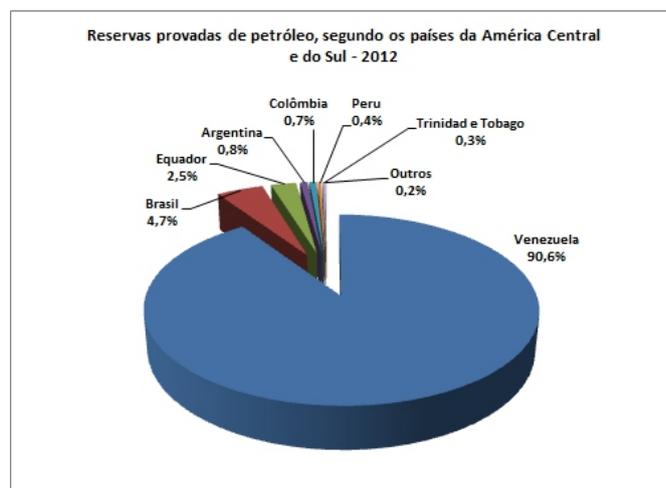
As reservas da América do Norte estão distribuídas entre o Canadá (79,0%) Estados Unidos (15,9%), e México (5,2%).

Mais de 90,0% das reservas da Europa e ex-União Soviética estão entre a Rússia (61,9%), Cazaquistão (21,3%), Noruega (5,3%) e Azerbaijão (5,0%).

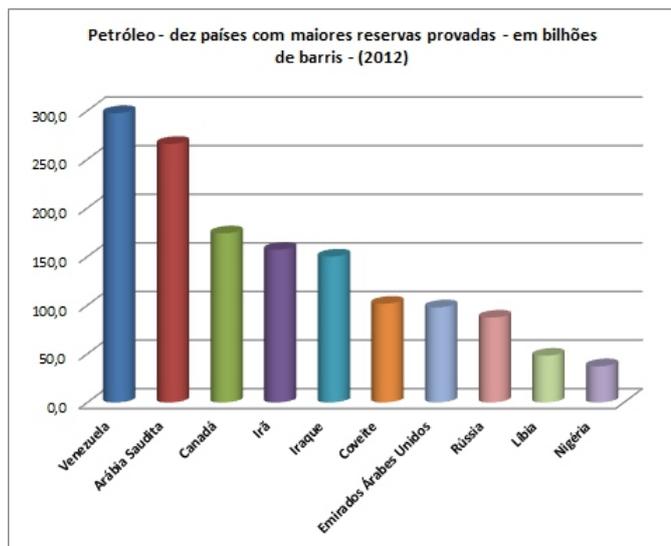
A Líbia, Nigéria, Angola e Argélia concentram mais de 80,0% das reservas de petróleo da África, com 36,9%, 28,6%, 9,7% e 9,4%, respectivamente.



A quase totalidade das reservas das Américas Central e do Sul, estão entre a Venezuela (90,6%), Brasil (4,7%) e Equador (2,5%).



85,0% das reservas mundiais de petróleo está distribuída pela Venezuela, com 297,6 bilhões de barris, ou 17,8%; Arábia Saudita, com 265,9 bilhões de barris, ou 15,9%; Canadá, com 173,9 bilhões de barris, ou 10,4%; Irã, com 157,0 bilhões de barris, ou 9,4%; Iraque, com 150,0 bilhões de barris, ou 9,0%; Coveite, com 101,5 bilhões de barris, ou 6,1%; Emirados Árabes Unidos, com 97,8 bilhões de barris, ou 5,9%; Rússia, com 87,2 bilhões de barris, ou 5,2%; Líbia, com 48,0 bilhões de barris, ou 2,9% e Nigéria, com 37,2 bilhões de barris, ou 2,2%.



3.2. Gás Natural

3.2.1. Produção

Em 2012, foram produzidos no mundo 3.363,9 bilhões de m³ de gás natural.

A Europa e ex-União Soviética, América do Norte, Oriente Médio e Ásia-Pacífico, em conjunto, responderam por quase 90,0% dessa produção. Os demais 10% ficaram repartidos entre a África e Américas Central e do Sul.

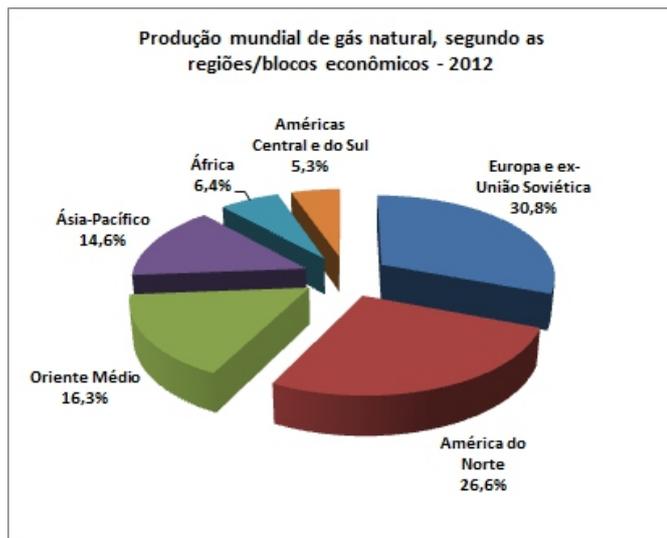
O bloco da Europa e ex-União Soviética participou com 30,8% da produção mundial. Desse percentual, cinco países produziram mais de 90,0%: Rússia, 57,2%; Noruega, com 11,1%; Turcomenistão, com 6,2%; Holanda, com 6,2%; Uzbequistão, com 5,5%; e Reino Unido, com 4,0%.

A América do Norte participou com 26,6% da produção mundial. Os três países componentes da região contribuíram da seguinte forma: Estados Unidos, com 76,0%; Canadá, com 17,5%; e México, com 6,5%.

O Oriente Médio participou com 16,3% da produção mundial. Quatro dos países da região responderam por 86,0% da produção: Irã, com 29,3%; Catar, com 28,6%; Arábia Saudita, com 18,7%; e Emirados Árabes Unidos, com 9,4%.

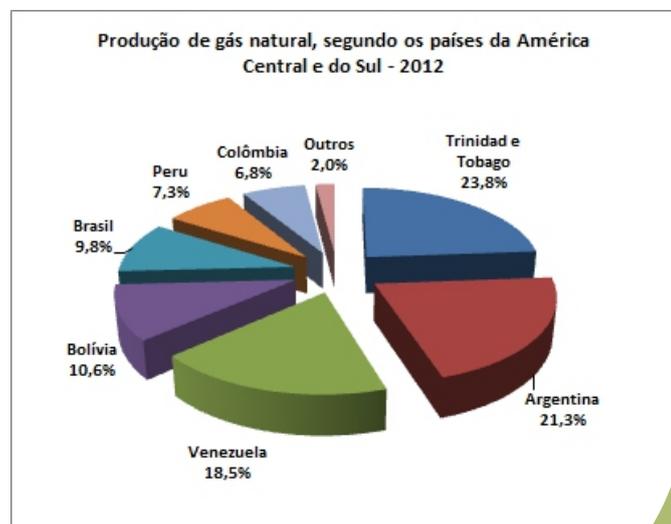
A China, Indonésia, Malásia e Austrália, produziram quase 60,0% da produção da Ásia-Pacífico, que produziu 14,6% do gás mundial.

A África produziu 6,4% do gás mundial e teve como principais produtores a Argélia, que produziu 37,7% do gás do continente; o Egito que produziu 28,2%; e Nigéria, que produziu 20,0%.

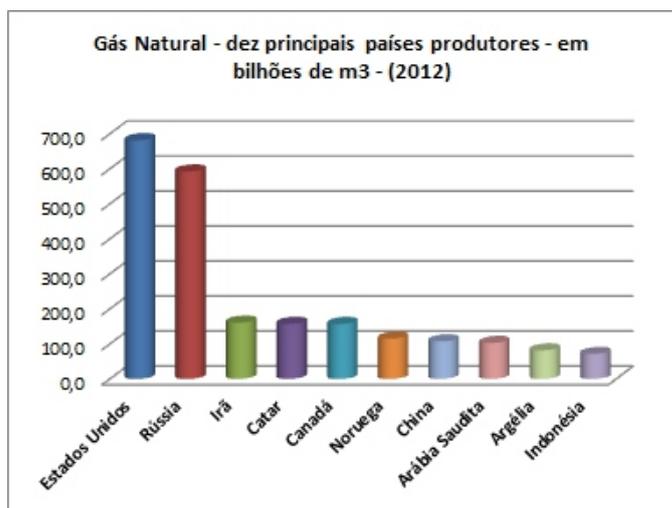


5,3% do gás natural produzido no mundo foi proporcionado pela América Central e do Sul. Dessa produção, 74,2% foi proveniente de quatro países: Trinidad e Tobago, com 23,8%; Argentina, com 21,3%; Venezuela, com 18,5%; e Bolívia, com 10,6%.

Os demais 25,8% ficaram divididos entre o Brasil, com 9,8%; Peru, com 7,3%; Colômbia, com 6,8%; e Outros, com 2,0%.



Os dez principais países produtores de gás natural responderam por 66,2% da produção mundial: Estados Unidos, com 20,3%; Rússia, com 17,6%; Irã, com 4,8%; Catar, com 4,7%; Canadá, com 4,7%; Noruega, com 3,4%; China, com 3,2%; Arábia Saudita, 3,1%; Argélia, com 2,4%; e Indonésia, com 2,1%.



3.2.2. Consumo

No ano passado, o mundo consumiu 3.314,4 bilhões de m³ de gás natural. Desse total, 2.614,8 bilhões de m³, ou cerca de 80,0%, foi repartido pela Europa e ex-União Soviética (32,7%), América do Norte (27,4%), e Ásia-Pacífico (18,9%).

Os demais 20,0% foram consumidos pelo Oriente Médio, 12,4%; América Central e do Sul, 5,0%; e África, 3,7%.

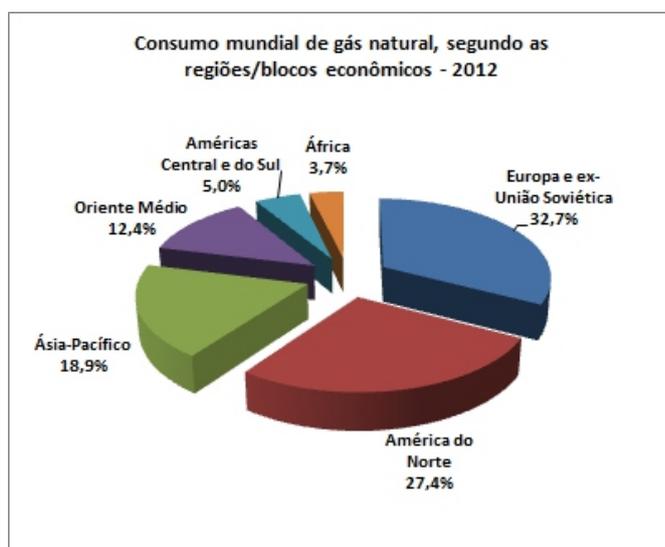
Do total consumido pela Europa e ex-União Soviética, 67,9% foi proporcionado pela Rússia (38,4%), o maior consumidor individual do bloco, Reino Unido (7,2%), Alemanha (6,9%), Itália (6,3%), Ucrânia (4,6%) e Uzbequistão (4,4%).

A América do Norte, o menor bloco em número de componentes, teve o seu consumo distribuído da seguinte forma: Estados Unidos, o maior consumidor do continente e do mundo, com 79,7% e 21,7%, respectivamente; Canadá, com 11,1%; e México, com 9,2%.

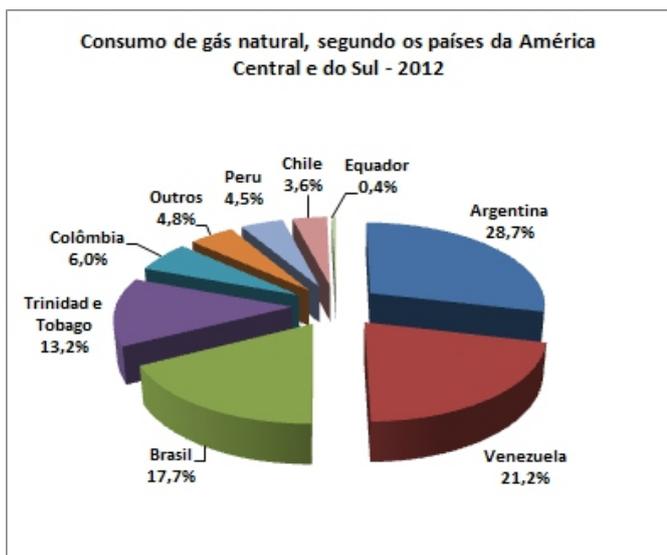
Do total consumido pelo bloco da Ásia-Pacífico, 88,4% foi proporcionado pela China (23,0%), Japão (18,7%), Índia (8,7%), Tailândia (8,2%), Coreia do Sul (8,0%), Paquistão (6,6%), Indonésia (5,7%), Malásia (5,3%), e Austrália (4,1%).

O Irã, com 37,9%; Arábia Saudita, com 25,0%; e Emirados Árabes Unidos, com 15,3%, foram responsáveis por 78,2% do total consumido pelo Oriente Médio.

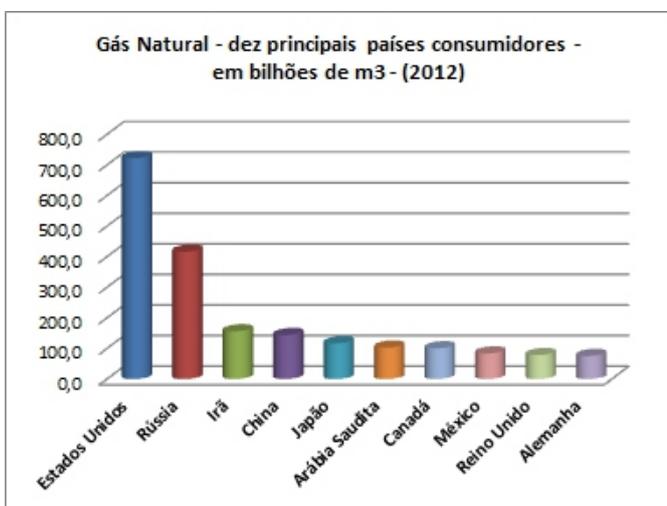
Por último, na África, o Egito e a Argélia, com 42,8% e 25,2%, respectivamente, responderam por 68,0% do consumo da região.



Na América Central e do Sul, a Argentina, com 28,7%; Venezuela, com 21,2%; Brasil, com 17,7%; e Trinidad e Tobago, com 13,2%, consumiram 80,7% do total de gás natural da região.



Os dez principais países consumidores de gás natural, responderam por cerca de 60,0% do consumo mundial de petróleo: Estados Unidos, com 21,8%; Rússia, com 12,6%; Irã, com 4,7%; China, com 4,3%; Japão, com 3,5%; Arábia Saudita, com 3,1%; Canadá, com 3,0%; México, com 2,5%; Reino Unido, com 2,4%; e Alemanha, com 2,3%.



3.2.3. Reservas Provasdas

O mundo guarda 187,3 trilhões de m³ de gás natural.

Quase a metade dessas reservas está no Oriente Médio (43,0%), e a outra metade está distribuída pela Europa e ex-União Soviética (31,2%), Ásia-Pacífico (8,2%), África (7,7%), América do Norte (5,8%), e Américas Central e do Sul (4,1%).

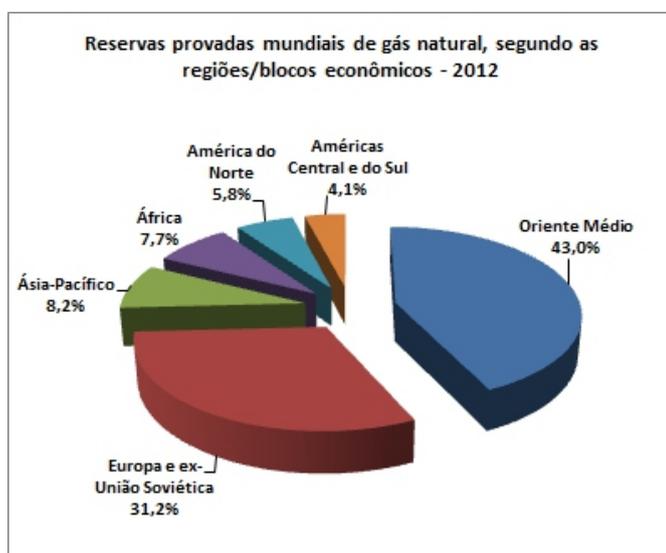
Mais de 80,0% das reservas do Oriente Médio estão no Irã (41,8%), Catar (31,1%) e Arábia Saudita (10,2%).

Próximo de 90,0% das reservas da Europa e ex-União Soviética estão na Rússia (56,4%) e Turcomenistão (30,0%).

80,0% das reservas da Ásia-Pacífico está concentrado na Austrália (24,3%), China (20,0%), Indonésia (18,9%), Índia (8,6%) e Malásia (8,6%).

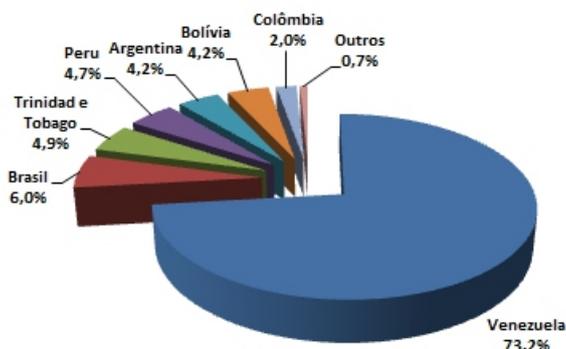
A Nigéria, com 35,5%; Argélia, com 31,1%; Egito, com 14,1%; e Líbia, com 10,7%, detêm mais de 90,0% das reservas de gás natural da África.

A América do Norte tem suas reservas distribuídas da seguinte forma: Estados Unidos, com 78,4%; Canadá, com 18,3%; e México, com 3,3%.

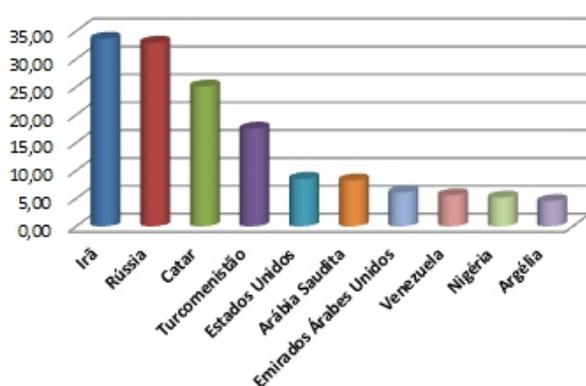


Nas Américas Central e do Sul, a totalidade das reservas está distribuída pela Venezuela (73,2%), Brasil (6,0%), Trinidad e Tobago (4,9%), Peru (4,7%), Argentina (4,2%), Bolívia (4,2%), Colômbia (2,0%), e Outros (0,7%).

Reservas provadas de gás natural, segundo os países da América Central e do Sul - 2012



Dez países detêm quase 80,0% das reservas provadas mundiais de gás natural: Irã, com 33,6 trilhões de m³, ou 18,0%; Rússia, com 32,9 trilhões de m³, ou 17,6%; Catar, com 25,1 trilhões de m³, ou 13,4%; Turcomenistão, com 17,5 trilhões de m³, ou 9,3%; Estados Unidos, com 8,5 trilhões de m³, ou 4,5%; Arábia Saudita, com 8,2 trilhões de m³, ou 4,4%; Emirados Árabes Unidos, com 6,1 trilhões de m³, ou 3,3%; Venezuela, com 5,6 trilhões de m³, ou 3,0%; Nigéria, com 5,2 trilhões de m³, ou 2,8%; e Argélia, com 4,5 trilhões de m³, ou 2,4%.

Gás Natural - dez países com maiores reservas provadas - em trilhões de m³ - (2012)

Conclusão

O preço do petróleo no mercado internacional está em alta e a demanda interna por derivados é crescente. No entanto, a principal empresa do país no setor, a Petrobras, vem enfrentando dificuldades tanto de rentabilidade como de produção.

Pela Lei 9.478/97, a empresa tem a liberdade de fixar os preços dos derivados de petróleo, mas, na prática, essa prerrogativa sempre foi atropelada pela intervenção indireta do governo no setor para atenuar o peso dos combustíveis nos índices de inflação.

Com a política de estímulo do governo para aquisição de bens duráveis, incluindo automóveis, por meio da redução do IPI, como forma de minorar os efeitos da crise de 2008, esses problemas ficaram mais evidentes.

A demanda por combustíveis aumentou e pegou desprevenido o setor de etanol hidratado que vem apresentando perda de produtividade.

A falta de etanol é reflexo da incapacidade de aumentar a produção de gasolina, que incorpora o derivado, em função da limitação na atividade de refino, o que tem obrigado a Petrobras a importar gasolina, agravando ainda mais a rentabilidade da empresa com rebatimentos na capacidade de investimento.

A incapacidade de investimento da Petrobras pela contenção dos preços dos derivados tem afastado a participação da iniciativa privada, comprometendo mais ainda a melhora do quadro no futuro.

Em 2008, a Petrobras iniciou a prospecção de petróleo na camada pré-sal da crosta oceânica. Atualmente são produzidos 300 mil barris de petróleo diariamente e estima-se que até 2017, alcance 1 milhão de barris por dia.

Esse potencial de extração tem levado à preocupação pelo que se convencionou chamar de “maldição dos recursos” e “doença holandesa”.

As receitas geradas com a exportação de petróleo rebateriam no câmbio interno, provocando a apreciação do real.

As expressões são usadas para designar distorções que podem ocorrer na economia em função da descoberta e exploração de recursos naturais.

A “maldição dos recursos” refere-se à percepção de que países com recursos naturais abundantes tenderiam a crescer mais lentamente do que outros países menos contemplados.

A expressão “doença holandesa”, diria respeito à percepção de encolhimento do setor de transformação em consequência da movimentação de fatores para a extração de recursos naturais.

No final da década de 1950 foi descoberto na Holanda gás natural. Esse gás começou a ser exportado e gerou uma receita substancial em dólares. A entrada desses dólares provocou uma apreciação cambial do florim prejudicando a exportação de produtos manufaturados que deixaram de ser competitivos.

Boletim Conjuntural

Publicação da Diretoria de Planejamento e Articulação de Políticas

Coordenação Geral de Estudos e Pesquisas, Avaliação, Tecnologia e Inovação

Coordenação de Estudos, Pesquisas, Tecnologia e Inovação

**Conclusão: Fevereiro/2014
Publicação: Setembro/2015**

Equipe Técnica

Frederico Augusto de A. Cavalcanti (Coordenador-Geral)
Albertina de Souza Leão Pereira (Coordenadora)
José Luis Alonso da Silva (Responsável)
Audrey Raphaella M. dos Santos (Estagiária)

Editoração
Shirley Dantas Câmara



Superintendência do
Desenvolvimento
do Nordeste

Dilma Vana Roussef
Presidente da República

Gilberto Magalhães Occhi
Ministro da Integração Nacional

João Paulo Lima e Silva
Superintendente da SUDENE

Sérgio Antônio Alencar Guimarães
Diretor de Planejamento e Articulação de Políticas

**Ministério da
Integração Nacional**

